

# Meras Impressões



Antônio Corrêa Sobrinho



**“A arte faz versos. Só o coração é poeta.”**  
**André Chénier**

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico estes singelos versos  
aos meus pais, Gilda e Felinto;  
aos meus filhos, Saulo, Thomás e Thiago;  
às minhas netas, Thielly, Sofia e Nicole;  
aos meus irmãos, Marise, Jacira, Denise, Neide,  
Paulo, Marieta, Júnior e Glorinha;  
aos meus sobrinhos,  
Junior, Gisele, Elton, Danilo, Stephany, Vinicius, Victor,  
Michele, Giovanna, Felipe, Cassiano,  
Guilherme, Wesley e Gildinha; e  
aos meus sobrinhos-netos  
Laura, Gabriela, Rafael, Elisa, Miguel, Joaquim, Enzo,  
Walace, Bernardo, Aurora, Guilherme, Gustavo e Elisa.**

# **ANTÔNIO CORRÊA SOBRINHO**

**Cheguei ao mundo numa tarde de junho,  
dia de São Pedro Pescador,  
mas meu nome é Antônio,  
que vem do tio paterno e do santo protetor.  
Sou brasileiro, nordestino, sergipano de Aracaju.  
Minha mãe se chamada Gilda, meu pai, Felinto.  
Sou bacharel sem anel, um simples  
fiscal do trabalho.  
Um dia criei galinhas e por anos fui professor.  
“Meras Impressões” não guarda outra pretensão  
senão a de dizer dos meus sentimentos,  
pensamentos, representações,  
para, quem sabe,  
ficar aqui um pouco mais.**

# **APRESENTAÇÃO**

**Chegam-me como uma virgem  
os teus versos.**

**Tímidos, verdes...**

**Ávidos porém de serem possuídos.**

**Possuí-os como a uma virgem:**

**Cuidadoso, compreensivo.**

**Gozando, no entanto, da pureza do novo  
e do prazer da escolha.**

**É poesia, sim.**

**Uma poesia que ainda se busca.**

**Uma poesia que ainda procura.**

**Mas uma poesia que quer.**

**A palavra poeta é sempre miúda  
para dizer das nossas imensas dores,  
para falar dos nossos múltiplos amores,  
para dizer, enfim, da nossa divina loucura.**

**Precisa portanto que se subverta dela  
o sentido vulgar,  
tornando-a instrumento das nossas sensações  
e dos nossos devaneios.**

**É ela nosso elo único  
a unir a nossa alma sensível  
aos múltiplos fenômenos da vida.**

**Antônio Santos de Souza Neto**

*Advogado, auditor-fiscal do trabalho e poeta  
(suas poesias, no [bloggersia1.blogspot.com](http://bloggersia1.blogspot.com))*

**Sinto-a,  
mas não posso tocá-la;  
vejo-a, mas não sei defini-la - a poesia.  
Dizem que diz mentiras que são verdades,  
que é dos que amam e sofrem  
e que nem para todos  
chegará.**

**Procuro poesia nas coisas que vejo.  
Agora mesmo, sob um sol pobre  
de fim de tarde,  
numa estação de indigentes,  
esperando o ônibus verde,  
contemplo o ir e vir dos excluídos  
e me identifico com os que se arrastam.**

**Perdi uns versos.  
Em vão os procurei:  
nos rascunhos, nos escritos,  
na memória do computador,  
nas gavetas do meu interior.  
Eles diziam das igrejas, capelas, ermidas,  
erguidas em sítios e fazendas,  
que em ruínas avisto da estrada.  
Eles diziam que nelas não mais se reza,  
não mais se confessa  
e que delas só alguns faz canção.**

**O entardecer traz o vermelho,  
céu belo que não entendo.  
A natureza foge de mim,  
mas, ainda assim, o mato cheira,  
dizendo que ali passou raposa.  
As garças em bando  
despedem-se da luz e do gado amigo.  
O vaqueiro está longe.  
No asfalto, deslizo perigosamente.**

**Viver não se resume  
num constante meditar e esperar a morte,  
tampouco no mero prazer dos sentidos.  
É necessário sonhar  
impossibilidades gostosas e  
construir os que chegam a você.  
Ser continente, e não ilha,  
é viver plenamente.**

**O rio se ultima, o Sergipe, largo, raso.  
A luz do sol nascente  
quase sempre lhe faz sorrir.  
Ele está feliz pela missão cumprida.  
Suas águas pardas, pesadas, já temperadas  
pelo mar, amparam o barco  
que me leva à ilha com outros encantados.  
Na frente, exuberante coqueiral,  
mangues, botos a saltar.  
Na margem que fica,  
a aquarela serena do meu lar.**

**Ando em terreno úmido,  
chão escorregadio, vil,  
de marcas de urubus,  
de ratos e de humanos.  
Desenho em preto e branco  
seus pés entrelaçados,  
disputando espaços.  
Lixeira, arranjo de labor,  
últimos passos, erro,  
enterro de homens,  
almas em dor.  
O que busco, do que fujo?  
Desço mais além, com as moscas,  
bactérias fétidas... não sei mais o quê.  
A criança está lá,  
não me espera,  
não me entende.  
Chego a ela, que senta.  
Não sabe o que é estar ali.  
Por um instante esquece o nome.  
Levo dela bem mais do que esta recordação.**

**Perto daqui,  
num lugar que dá pra se ver,  
junto com outros seres sofridos, observo,  
sentado num canto úmido e sombrio,  
um infante descascando aipim,  
pálido, triste, admirando o abismo.  
Pergunto o seu nome e ele me responde:  
“Livra-me daqui.”**

**Sofro menos, quando me vitimizo menos,  
quando desejo menos,  
quando exijo menos dos outros.**

**Sofro menos, quando não tenho pena de mim,  
quando me preparo para o pior  
esperando o melhor.**

**Sofro menos,  
quando não desqualifico os outros.**

**Sofro menos, quando estou sorrindo, cantando,  
contemplando,  
abraçando, brincando, fotografando,  
amando, lendo, escrevendo.**

**Sofro menos, quando falo sério com Deus  
que trago em mim.**

**Sofro menos, quando estou servindo,  
quando não reclamo por reclamar.**

**Sofro menos, quando compreendo o outro.**

**Sofro menos, quando lembro que por alguns  
sou querido, respeitado e admirado.**

**Morte, destino das existências,  
tu que nem as estrelas dispensas,  
tu que me enganas ao deixar que te drible.  
Como inevitável é o nosso encontro,  
suplico-te, conduza-me por um caminho suave,  
considere a minha alma,  
faça-me entender o nada, compreender-te.**

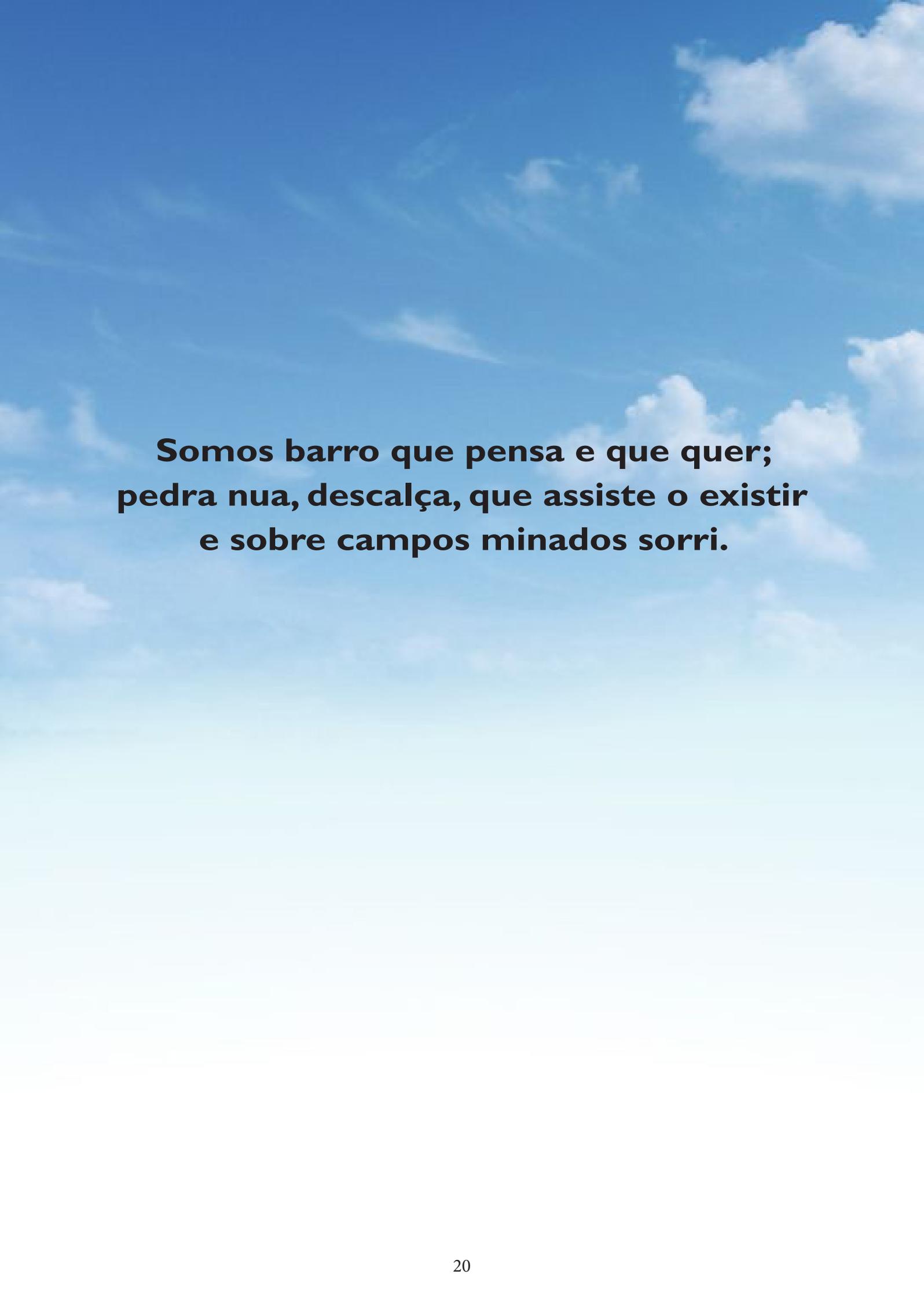
**E o ônibus amarelo encosta,  
enche, vai.  
Vai para a cidade da Serra.  
Ao lado deles me sento,  
que olham pra mim sem eu ver.  
O ônibus amarelo é calmo,  
de listras rubras, de poltronas riscadas.  
O ônibus amarelo é velho.  
Seres pobres no ônibus amarelo vão:  
limpos, sujos, fétidos,  
esgarçados pela miséria.  
Há os que dormem no ônibus amarelo  
o sono da desnutrição,  
do cansaço, da desesperança.  
Há os que falam, os que fumam,  
os que calam, os que reclamam.  
E o ônibus amarelo passa ao lado da Serra,  
e chega, para, e todos descem  
para cumprir destinos.**

**Nos cantos e aberturas,  
nos eternos morros,  
favelas da vida,  
nos becos, entre passos,  
nas desniveladas calçadas frias,  
surgem plantas, tornam-se árvores,  
mas árvores tristes, frágeis, raquíticas,  
que sobrevivem apesar da pouca luz,  
água e nutrientes.**

**São árvores cujas flores não atraem colibri  
e seus frutos brotam apenas em sonhos.**

**A cobra sente o asfalto quente, áspero,  
o sol ardente, o pneu que lhe busca,  
a dor que lhe arde, o pouco que lhe cabe.  
Assim é a gente.**

**Que linda música escuto agora!  
Ela me domina, me convence, me eleva.  
Que espécie de alma tem esse compositor,  
que chega tão perto de Deus  
e colhe tamanhas notas!?**



**Somos barro que pensa e que quer;  
pedra nua, descalça, que assiste o existir  
e sobre campos minados sorri.**

**Pretérito, és mais que perfeito onde estás.  
Presente, obrigado por eu existir em ti.  
Futuro, vem me buscar, para em suas horas de  
sombras e minutos de luz,  
eu continuar servo do prazer e da dor.**

**A chuva cai sem dó sobre o telhado  
da pousada pobre.  
Madrugada que se esvai.  
Acordo a pulso para verter água.  
Vejo-me salvo do frio pelo cobertor  
que trago de casa.  
O sono sai de mim, em disparada.  
Passo a refletir os meus temores,  
minhas angústias,  
meus desejos, medos, esperanças,  
ilusões, alegrias e sonhos.  
Lembro dos meus,  
dos que estão e dos que já se foram;  
todos pousados no meu coração estão.  
Medito a vida, este constante respirar,  
comer e pensar.  
O cantar dos galos,  
os acordes inaugurais dos pássaros,  
o ronco de dor do caminhão que passa,  
o ladrar dos cães,  
o cheiro gostoso do café e do cuscuz,  
todos a me dizerem que estou a viver.**

**O que faz essa gente nesse sol abrasador,  
nessa fila demente, povo já tão sofredor?**

**Diz-me um velho em resposta:**

**– É pra receber alimentos, a eleição é agora!  
Uma mulher passa por mim, absorta,  
arrastando filhos,  
abraçada aos poucos quilos de comida velha.  
Fico aqui na minha omissão silenciosa.**

**Filhos de homens  
que nascem às margens da vida,  
não raro são levados  
aos caminhos da antijuridicidade.  
Confinados em grades, despersonalizados,  
tornam-se entorpecidos, espectros esquecidos,  
vidas que jazem em celas sujas e frias.**



**A luz, que pelos caminhos  
do Universo engole mundos,  
frustra-se em não poder chegar à sombra.**

**Tenho andado por suas estradas,  
porquanto é mister do  
fiscal do trabalho percorrer  
os cantos de injustiça e  
os recantos de indignidade.  
Não direi nada, meu velho Sergipe del Rei,  
apenas que no seu chão se arrastam  
multidões faveladas,  
presas que são dos grilhões da pobreza,  
da ignorância  
e da vilania dos “donos” desta terra.**

**O Deus que imaginamos ser é forte,  
incontáveis vezes mais poderoso que nós.**

**Mas com ele nos parecemos,  
pois dizemos da sua justiça,  
das suas preferências,  
dos seus anseios, propósitos,  
temos até notícia de que ele  
já habitou entre nós.**

**Sabemos do Deus que imaginamos,  
que é do sexo masculino, usa barba  
mora em casa majestosa  
nos arredores de Órion.**

**Tenho comigo  
que o Deus que imaginamos ser,  
assim, parecido com a gente,  
um dia desaparecerá.**

**O Deus que não imaginamos ser,  
aquele que é o que é,  
o criador e mantenedor de tudo que há  
e de tudo que não há.**

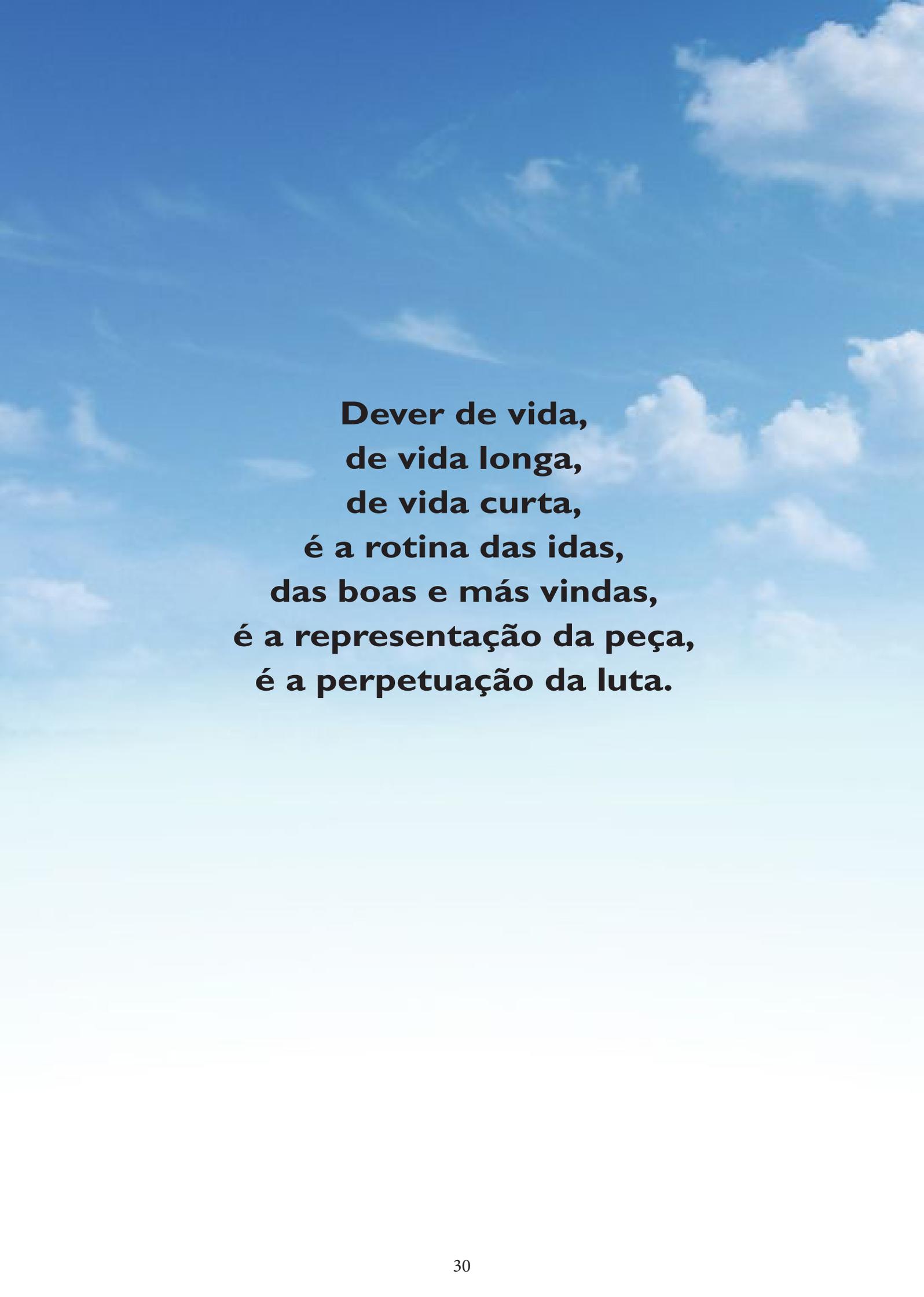
**Este, é absolutamente impossível  
dele sabermos.**

**Seria como alguém desprovido de visão ocular  
dizer do azul turquesa, do verde esmeralda,  
da cor púrpura,  
do sorriso da Mona Lisa,  
da beleza de Paula Arósio.**

**Almas castradas, feridas, sofridas;  
almas que na miséria que consome a carne,  
gritam desesperadas, choram sem esperança;  
almas que na ânsia de comer e ter,  
tiram, atiram, é o querer viver,  
é o querer poder.**

**Almas que na vontade de ser,  
são impedidas por correntes  
que estreitam seus passos,  
algemas que prendem e marcam seus  
corações famintos,  
vendas que escondem a luz da liberdade.**

**Deitado no meu chão existencial,  
lugar no quintal noturno em brisa,  
a contemplar o mistério,  
a enxugar lágrimas incontidas.  
É vida que morre, é vida que nasce.  
Em nave etérea transcendo  
num voo efêmero aos ceus da humana razão.**



**Dever de vida,  
de vida longa,  
de vida curta,  
é a rotina das idas,  
das boas e más vindas,  
é a representação da peça,  
é a perpetuação da luta.**

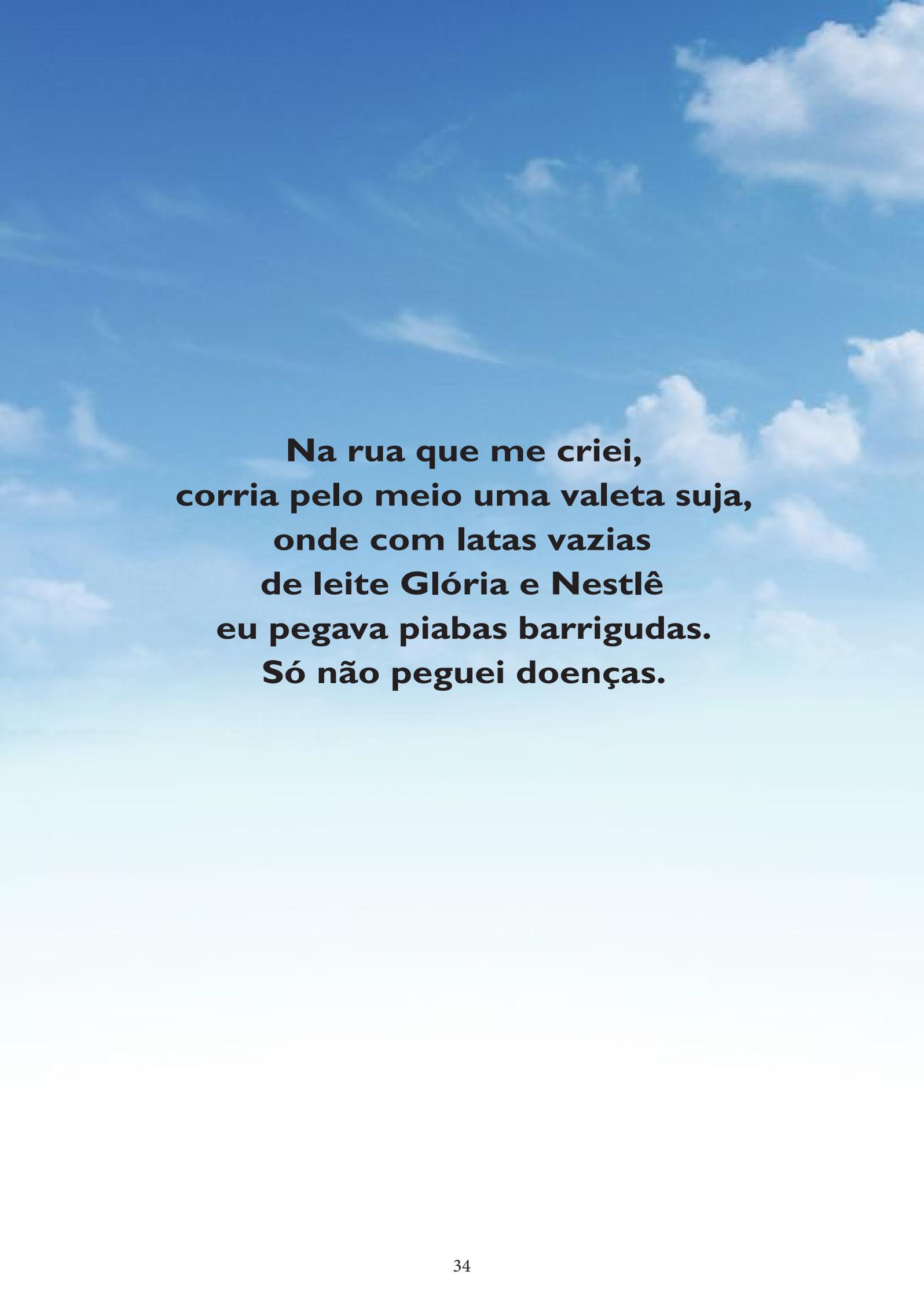
**Dormir é morrer e ficar aqui;  
é a alma usando chaves em  
portas inexplicáveis,  
fazendo o que lhe apraz.  
Dormir é não ter consciência do que quer,  
é a certeza do acordar.**

**A vida é a mais pesada das sentenças,  
o mais caro dos prêmios.  
A vida é o que disseram, dizem e dirão.  
A vida é o que Deus nós escondeu.**

**A noite faz greve contra mim, o que é raro.  
Deve ser a ânsia que sinto de logo enxergar  
como quando eu era menino.**

**Ânsia de me reencontrar.**

**Se finalmente o dia de amanhã chegar,  
pelas mãos do doutor César Faro  
trocarei por um novo  
meu embotado cristalino.**



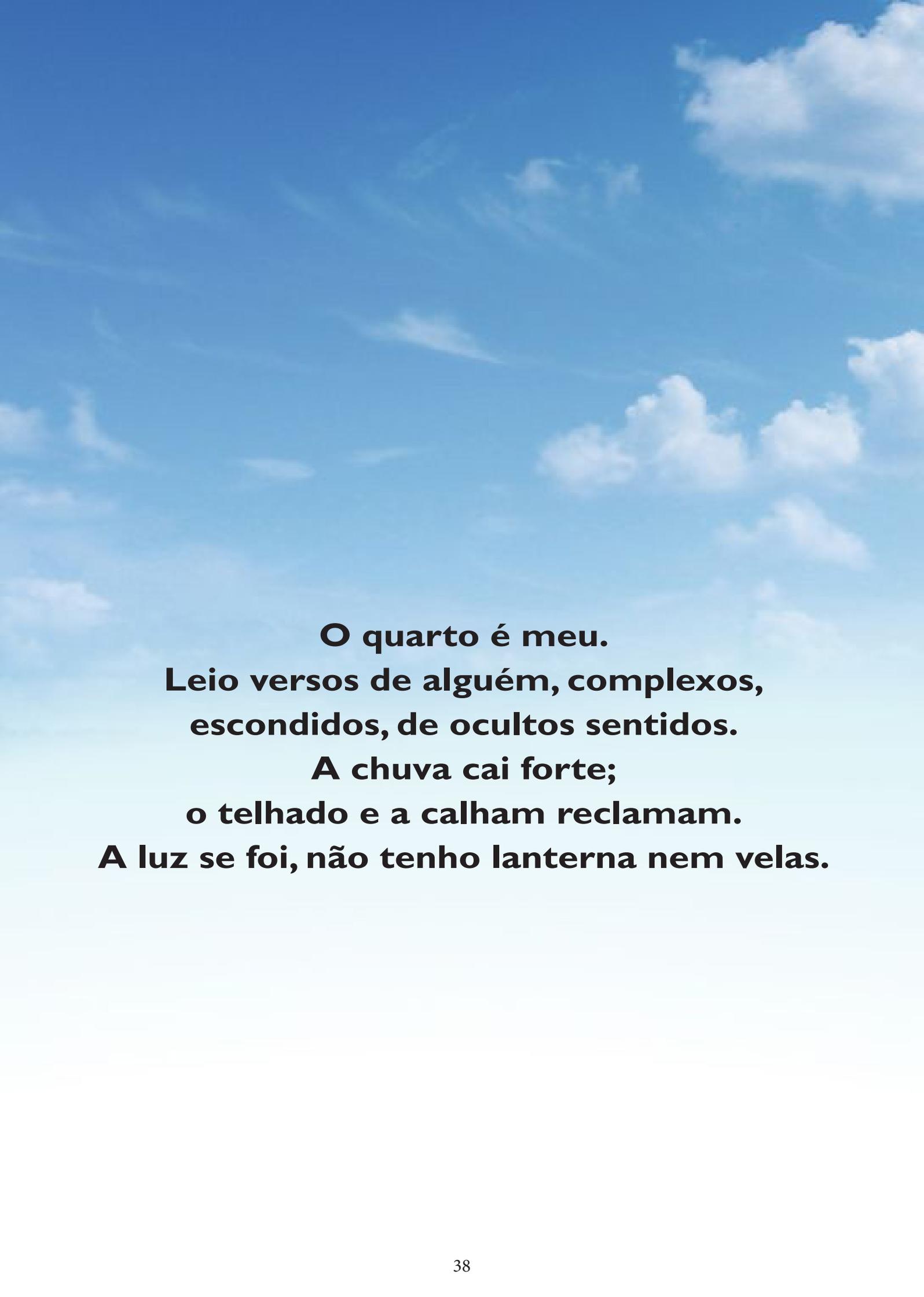
**Na rua que me criei,  
corria pelo meio uma valeta suja,  
onde com latas vazias  
de leite Glória e Nestlê  
eu pegava piabas barrigudas.  
Só não peguei doenças.**

**Sábado de Aleluia.  
Atalaia Nova.  
Onze da noite. Lua cheia.  
Eu com alguns dos meus  
caminhamos nas areias da praia  
há pouco molhadas pelo mar,  
bebendo a brisa e o esplêndido luar.  
Deixamos ali nossas pegadas,  
falamos em silêncio com o mistério.**



**Somos tudo,  
enquanto a alma se cansa.  
Somos nada,  
enquanto a alma descansa.**

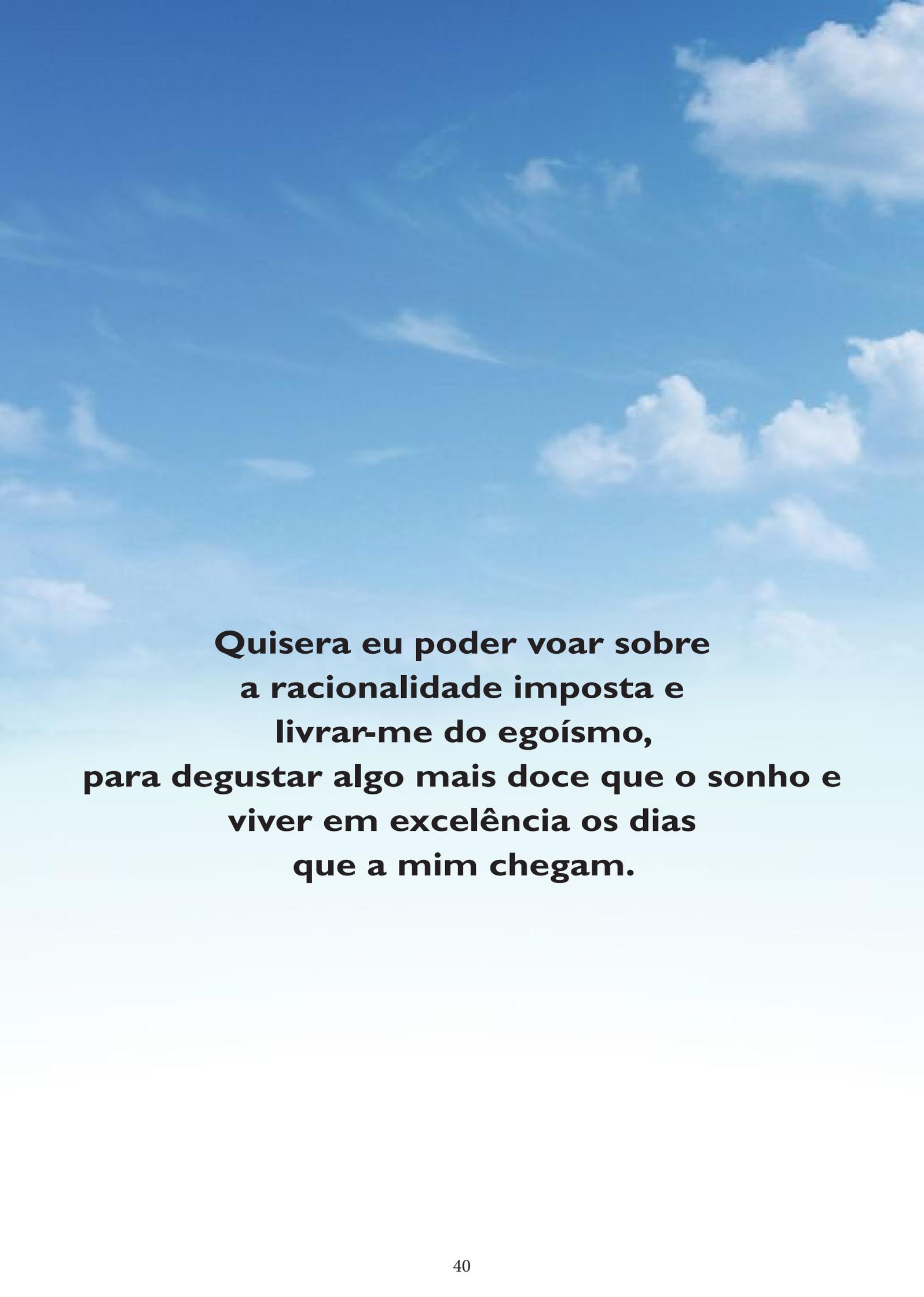
**Estátua de barro, de barro negro,  
branco, amarelo, vermelho.  
Estátua de base estreita,  
que com o vento cai.  
Estátua que,  
com medo do seu escultor,  
diz que caiu porque pecou.**



**O quarto é meu.  
Leio versos de alguém, complexos,  
escondidos, de ocultos sentidos.  
A chuva cai forte;  
o telhado e a calham reclamam.  
A luz se foi, não tenho lanterna nem velas.**

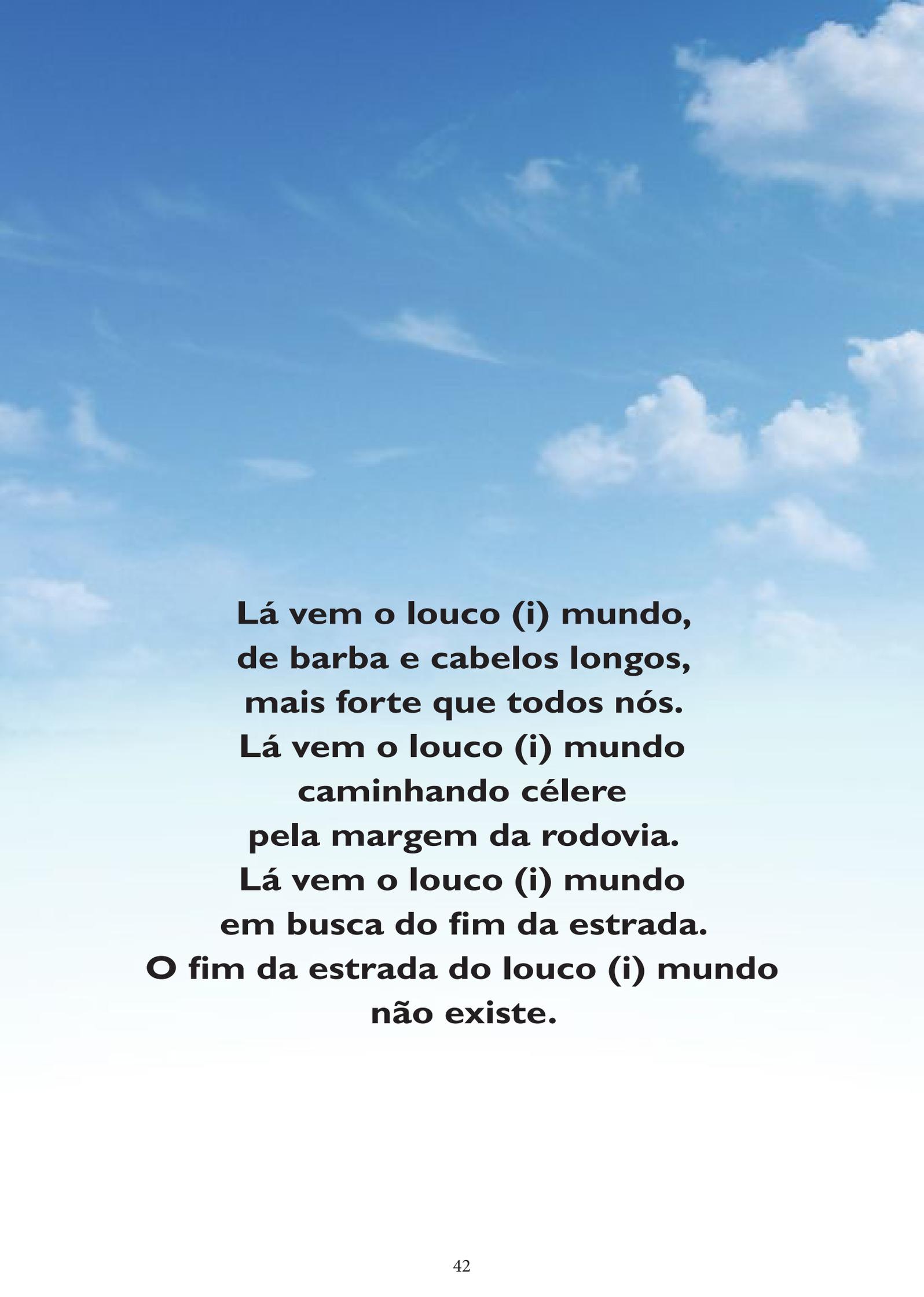


**Que venha a vida,  
que venha a morte,  
que venham a boa e a má sorte.  
Fomos feitos para tanto.**



**Quisera eu poder voar sobre  
a racionalidade imposta e  
livrar-me do egoísmo,  
para degustar algo mais doce que o sonho e  
viver em excelência os dias  
que a mim chegam.**

**Tanta gente passando por mim!  
Tanta gente igual a mim!  
É como se diante de um espelho:  
no que faço, no que não faço,  
no disse-me-disse, na mesmice,  
nas roupas sem marca, nos pés mal calçados.  
Estou cansado de olhar  
para o que não se muda.  
Deixe eu fugir dos meus reflexos!**



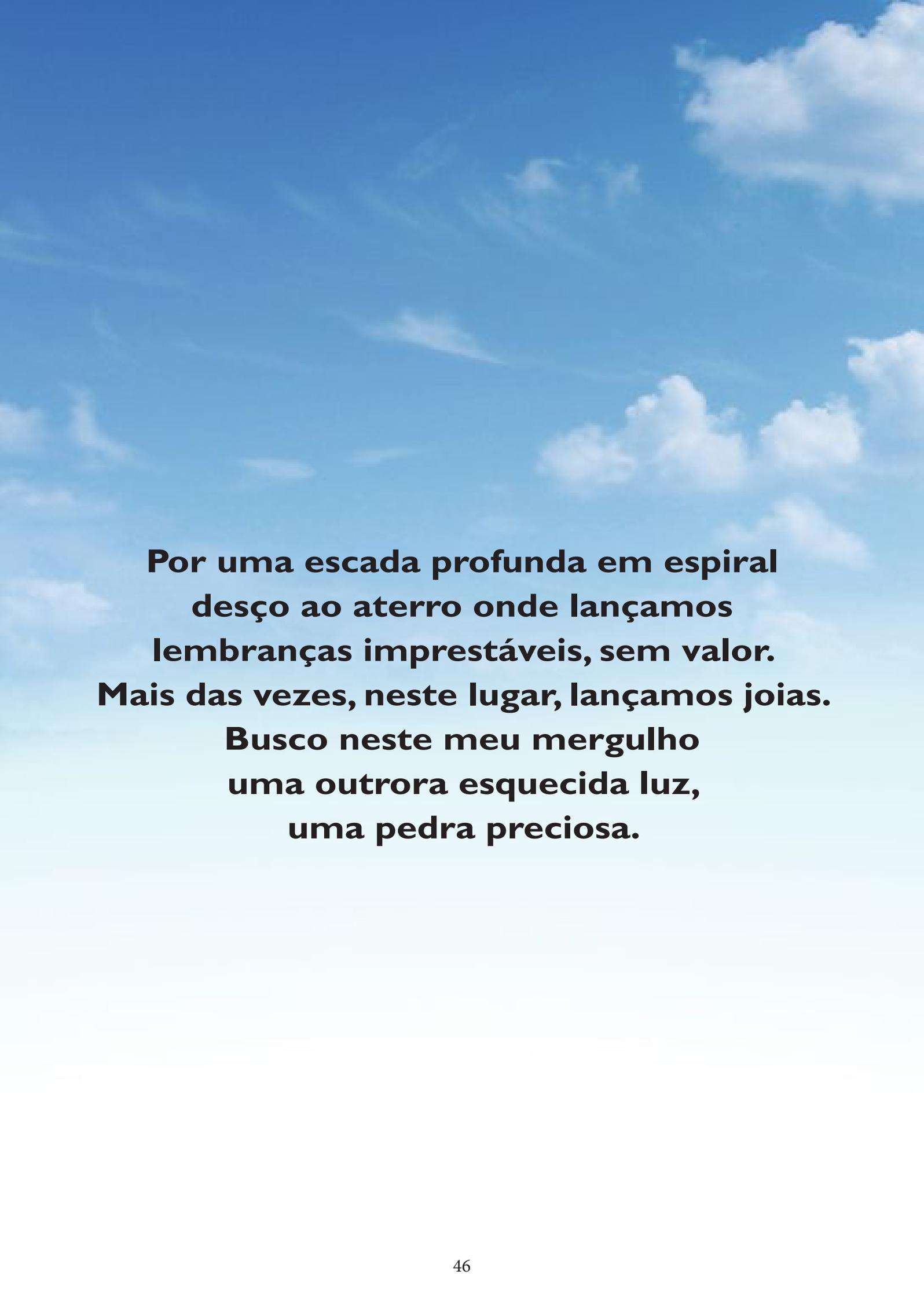
**Lá vem o louco (i) mundo,  
de barba e cabelos longos,  
mais forte que todos nós.  
Lá vem o louco (i) mundo  
caminhando célere  
pela margem da rodovia.  
Lá vem o louco (i) mundo  
em busca do fim da estrada.  
O fim da estrada do louco (i) mundo  
não existe.**

**Vi o rio Sergipe pela primeira vez,  
o rio da minha existência, da minha história.  
Eu tinha de sete pra oito anos.  
Em pé me encontrava,  
na calçada da rua da Frente,  
na porta do Trapiche Lima,  
onde trabalhava meu pai Felinto.  
Oito da manhã, se muito.  
Eu estava com Gilda minha mãe.  
O rio em minha frente, muito largo,  
imponente;  
suas águas brilhavam como milhões de  
espelinhos a refletir o sol.  
Guardo a imagem de um navio  
passando pelo meio do rio.  
Deslumbrado, fiquei ali por um tempo.  
Não me levaram à balaustrada.**

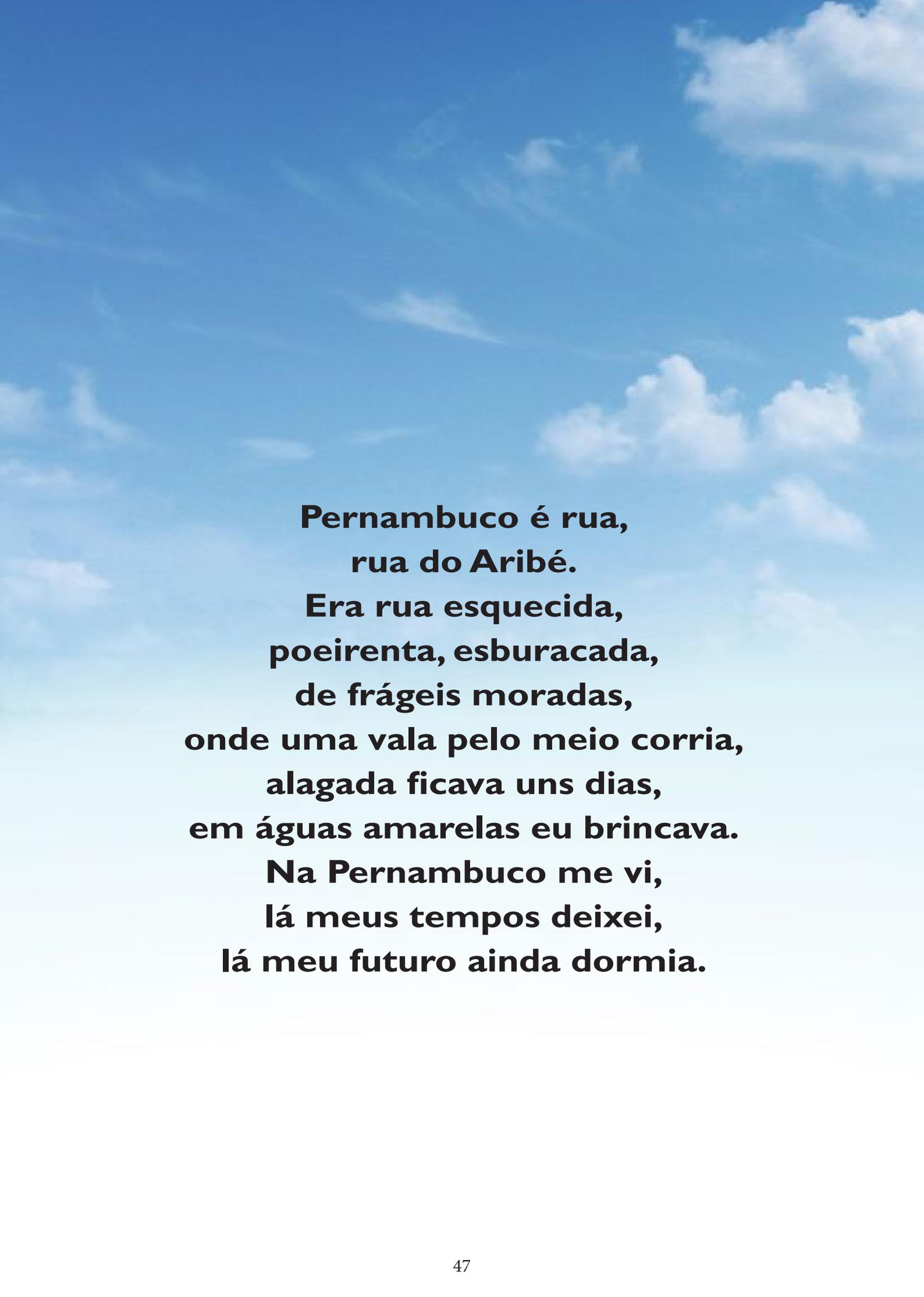
**O rosto é a alma dizendo.  
O que diz o seu rosto quase sempre não sei.  
Não vejo o seu rosto senão quando chora.  
Arrisco vê-lo em repouso,  
guardado, longe daqui,  
mesmo assim, ligeiro, com receio,  
pois de algum lugar ele pode estar  
olhando pra mim.**

**Dou passos curtos em caminhos longos,  
corro, me escondo, e o que eu seguro, cai,  
desorganiza-se, envelhece, morre.**

**Dou passos longos em caminhos curtos,  
perco-me, me esqueço, contradigo,  
tudo conspira contra, solta da minha mão.  
Vejo tudo vão, menos aquele momento.**



**Por uma escada profunda em espiral  
desço ao aterro onde lançamos  
lembranças imprestáveis, sem valor.  
Mais das vezes, neste lugar, lançamos joias.  
Busco neste meu mergulho  
uma outrora esquecida luz,  
uma pedra preciosa.**



**Pernambuco é rua,  
rua do Aribé.  
Era rua esquecida,  
poeirenta, esburacada,  
de frágeis moradas,  
onde uma vala pelo meio corria,  
alagada ficava uns dias,  
em águas amarelas eu brincava.  
Na Pernambuco me vi,  
lá meus tempos deixei,  
lá meu futuro ainda dormia.**

**O barbeiro, de cabelos lisos, brancos,  
corta o cabelo crespo, gasto, seco, sem brilho,  
que cai pinicado, morto, sobre costas, pernas,  
sobre as páginas da revista velha.**

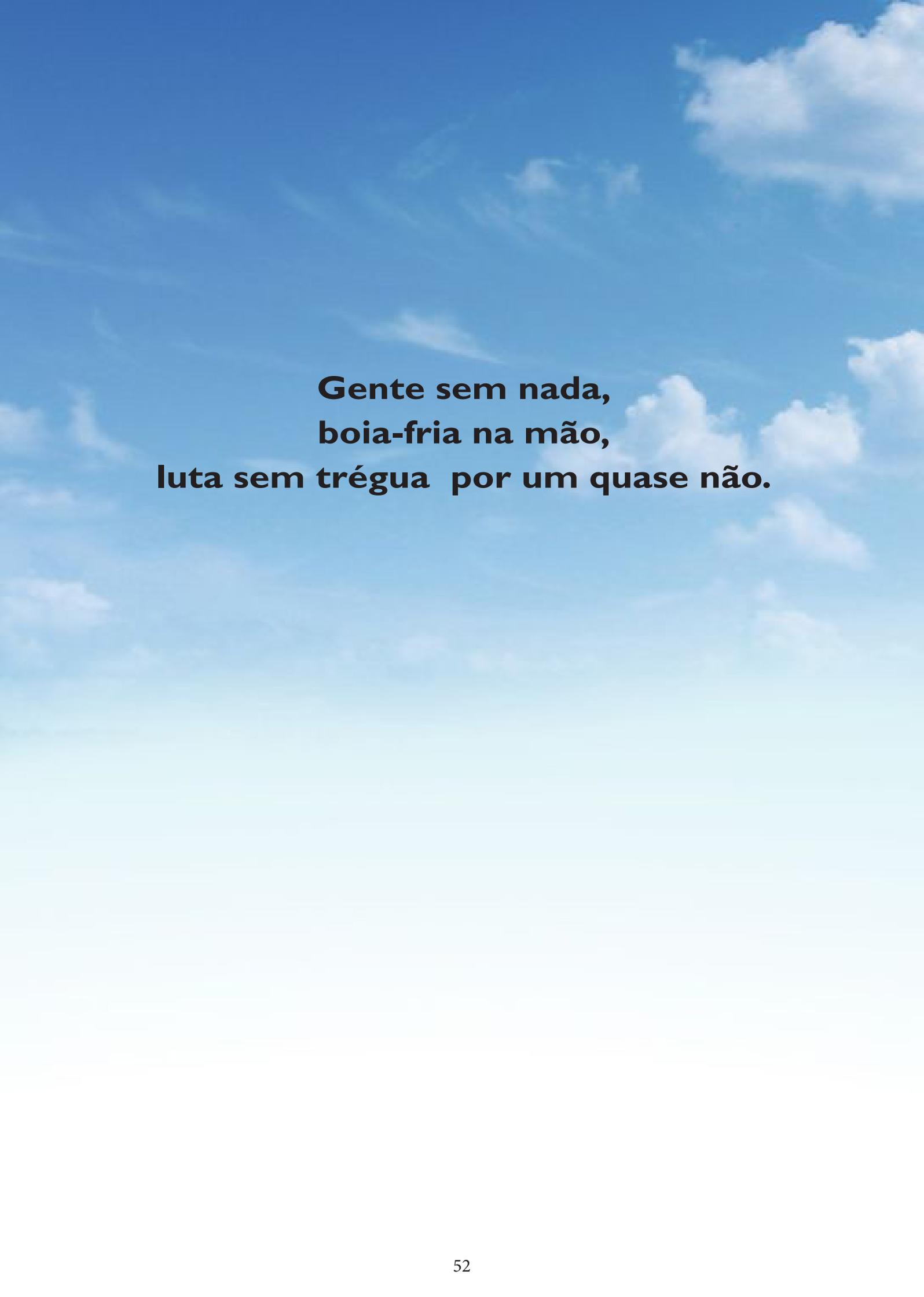
**O barbeiro, tranquilo, conversa baixo,  
macio, faz graça,  
conhece quem passa e a alguns dá esmola.  
O cabelo gasto, seco e sem brilho é o meu.**

**Giro entre espelhos,  
vestido em pano de cabelo.  
Em ângulos admiro o velho e a criança  
que esperam.**

**Sua beleza curva é feita de frente,  
de mangues, de prédios, de praia formosa.  
É calma ela, minha Aracaju,  
de ar farto, cheiroso.  
É obra do rio e de mãos que sei.  
Não me canso de possui-la  
apesar das tantas vezes.  
Para lá do estuário amplo que  
acho lindo das pedras,  
mar não tem igual, farol, azul, quanto sol!  
Atalaia, mergulhos dou.**

**Lá fora uma voz chama a parteira nossa mãe.  
A noite densa e fria traz a chuva  
sobre o telhado velho e cansado.  
Gotas caem como espinhos,  
nos nossos corpos enrolados, quentinhos.  
Os ventos são covardes, maus.  
No quarto ínfimo de paredes frias  
estamos quietos, com medo, ouvindo  
a voz que chama a parteira nossa mãe,  
que vai às cercanias da pobreza pegar menino.**

**As piores noites eu passei na infância,  
nos calores dos verões implacáveis,  
inimigos dos pobres desvalidos,  
num quarto pequeno, úmido e abafado,  
partilhado com irmãos do ventre,  
deitado em colchão de capim,  
duro, quente, espinhento,  
quase sempre mal forrado,  
enrolado em lençol de saco,  
sob cortinado mal posto,  
rasgado, tirado com os pés,  
picado por sedentas muriçocas,  
sem sono, suado, impaciente,  
com medo, não raro, com dor de barriga,  
dor de dente,  
observando ratos no telhado,  
procurando argueiro nos olhos,  
ouvindo os sons amedrontadores  
das noites profundas.**



**Gente sem nada,  
boia-fria na mão,  
luta sem trégua por um quase não.**

**Gilda começa com gê,  
de gato, galocha, gesso, gelado.  
Mas o Gilda de minha mãe  
com jota foi registrado.  
É que sendo mamãe a mais nova  
e seu pai a nomear os filhos  
com jota como letra inicial,  
- Jair, Jaci, Jackson, Jacira e Jandira,  
desconhecendo que Gilda se escreve com gê  
e não recebendo um não do cartório,  
fez de mamãe uma Gilda com jota.**



**Um barco, dois remos,  
sorte e perícia no remar  
unem dois extremos:  
O homem e o mar.**

**Lanternas vermelhas, enfileiradas, acesas,  
luzes que acenam para mim.  
Estou preso na profusão delas.  
A noite se instala,  
no rádio do carro o tenor canta,  
a “Ave Maria” é bela.  
Não há luz verde, não há guarda,  
há crianças me pedindo esmolas.  
Os pneus giram lentamente,  
o motor está quente,  
o combustível conspira,  
o cinto incomoda.  
Estou preso entre carros semivazios  
e ônibus lotados de Brasil.  
Elogio e censuro os outros.  
A impaciência me toma.  
Reflico os lados da moeda,  
penso na paz e na alegria que persigo.  
Finalmente um apito.**

**Na procura do inexplicável,  
elevo-me ao cume da minha consciência,  
descortino meu ego,  
abro fendas no âmago do meu sentir.  
Contudo, não enxergo a razão da existência,  
o caminho que me fez viável,  
a ponte que me transportou  
a este efêmero existir.**

**Lanço-me no “Dino”.**  
**E na contagiante multidão**  
**entre cordas e cordeiros,**  
**sinto cheiro de amor.**  
**O trio eletrizante me arrasta**  
**numa autêntica procissão pagã.**  
**Água espirituosa me afeta,**  
**divirto-me, canso.**  
**É festa elétrica,**  
**de guitarras e teclados,**  
**de sopros, tambores e vozes.**  
**Na harmonia do samba,**  
**em danças e ritmos,**  
**galera em frenesi.**  
**Violência às vezes sim,**  
**mas mamãe sacode,**  
**pois o espírito é da paz**  
**e o tempero da alegria**  
**é a pimenta nativa.**  
**É festa dos sexos,**  
**dos corpos em cores,**  
**dos beijos na boca,**  
**da caça ao outro,**  
**da vida em sedução.**  
**No rio da folia,**  
**na barca do amor,**  
**pulo e canto com os sauros:**  
**“O seu amor é canibal,**  
**Comeu meu coração e**  
**Agora eu sou feliz”.**

**No meu tempo de menino,  
levei tapa, murro, carão,  
cascudo, puxão, beliscão,  
palmada, pesada, apelido,  
cinturão, castigo, pedrada,  
caldo, carreira, empurrão,  
ou seja, muitos “não”.  
Por sorte  
cheguei até aqui.**



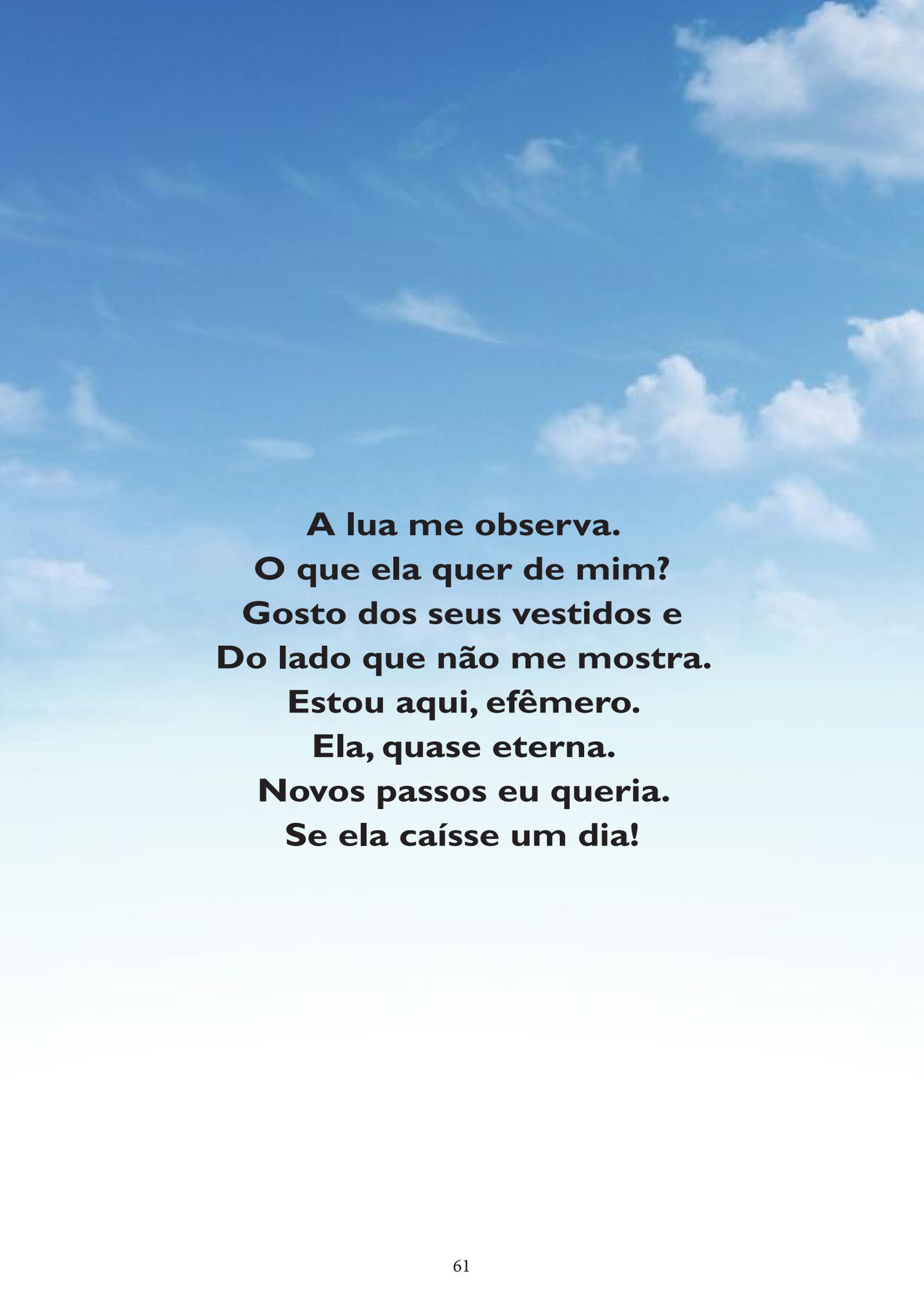
**Que nossas crenças não nos vençam.  
Que nossos desejos não nos matem.**

**Ínfima luz que na abóbada cintila,  
em teu seio move e remove um mundo  
excessivamente grande, forte, sem sombras.**

**Mas, preso pela inconsciência,  
existe calado, dormindo.**

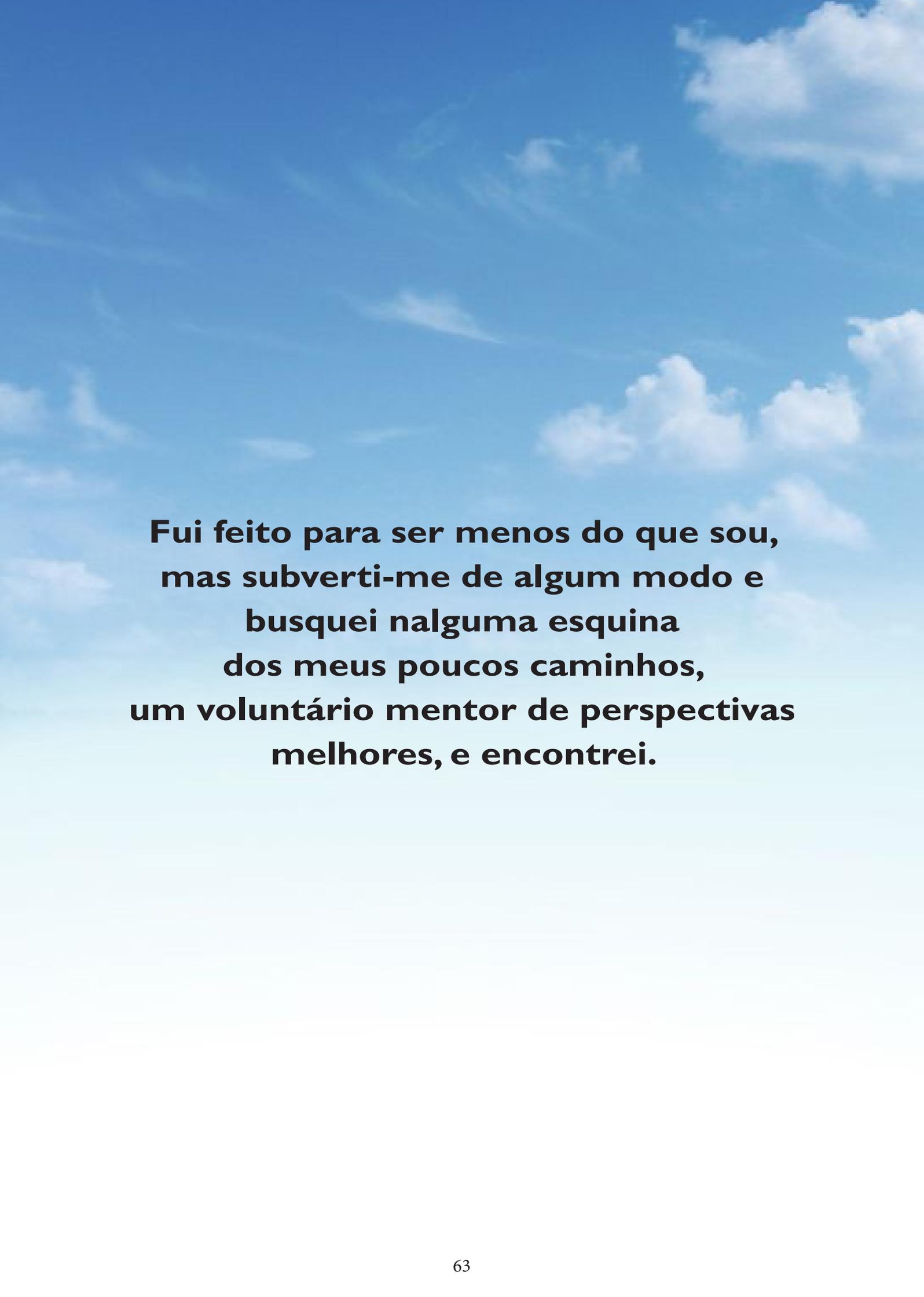
**Ínfimo homem que nas plagas habita,  
em teu seio move e remove um mundo  
excessivamente pequeno, frágil, em sombras.**

**Mas, livre pela consciência,  
existe pensando, chorando, sorrindo.**



**A lua me observa.  
O que ela quer de mim?  
Gosto dos seus vestidos e  
Do lado que não me mostra.  
Estou aqui, efêmero.  
Ela, quase eterna.  
Novos passos eu queria.  
Se ela caísse um dia!**

**Viajamos num trem circular  
de infindáveis vagões,  
sobre os trilhos do tempo,  
a percorrer pontes de medo,  
túneis de solidão e quilômetros de desejo.  
Não sabemos em que direção,  
que paradas, que estações,  
apenas, que esperamos.  
Nossa alma é o trem,  
a alma humana coletiva.  
Não importa se digo sim e você não,  
no trem estamos sempre conosco,  
construindo e destruindo ilusões.**



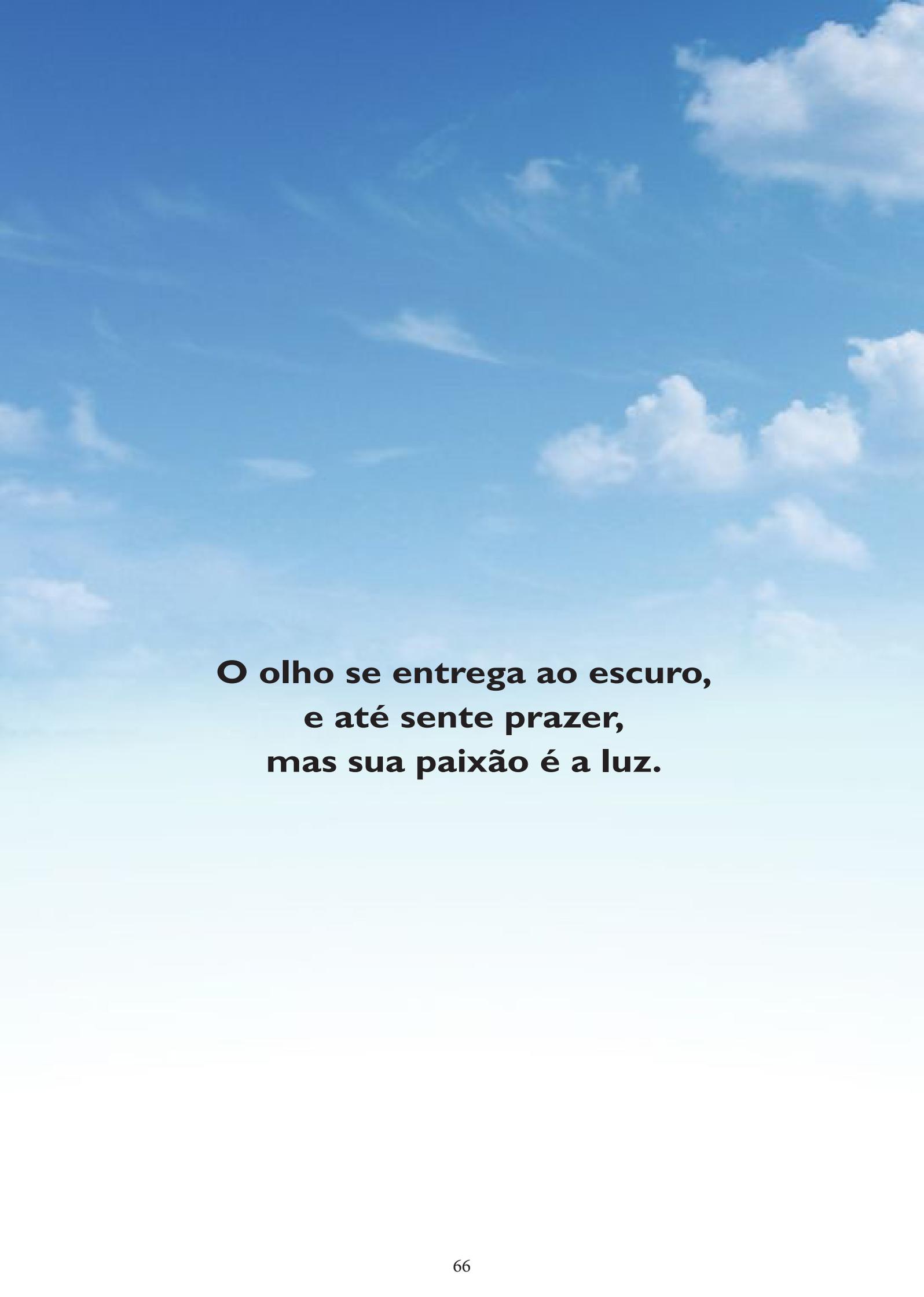
**Fui feito para ser menos do que sou,  
mas subverti-me de algum modo e  
busquei nalguma esquina  
dos meus poucos caminhos,  
um voluntário mentor de perspectivas  
melhores, e encontrei.**

**Estou me acordando.**  
**Lentamente começo a me encontrar.**  
**Meus músculos ainda se abraçam à inércia**  
**e meus olhos à paz do não enxergar.**  
**Já estou acordado, posso dizer.**  
**Em minha frente o velho guarda-roupa:**  
**sem raça, prensado, olhando pra mim.**  
**A janela diz que a manhã chegou.**  
**A escova e o creme dental me esperam, pois**  
**não posso esquecer que ainda existe o sorriso.**

**Nos dias de criar filhos,  
eles brincam, brigam, fazem dever,  
conversam, trazem amigos.**

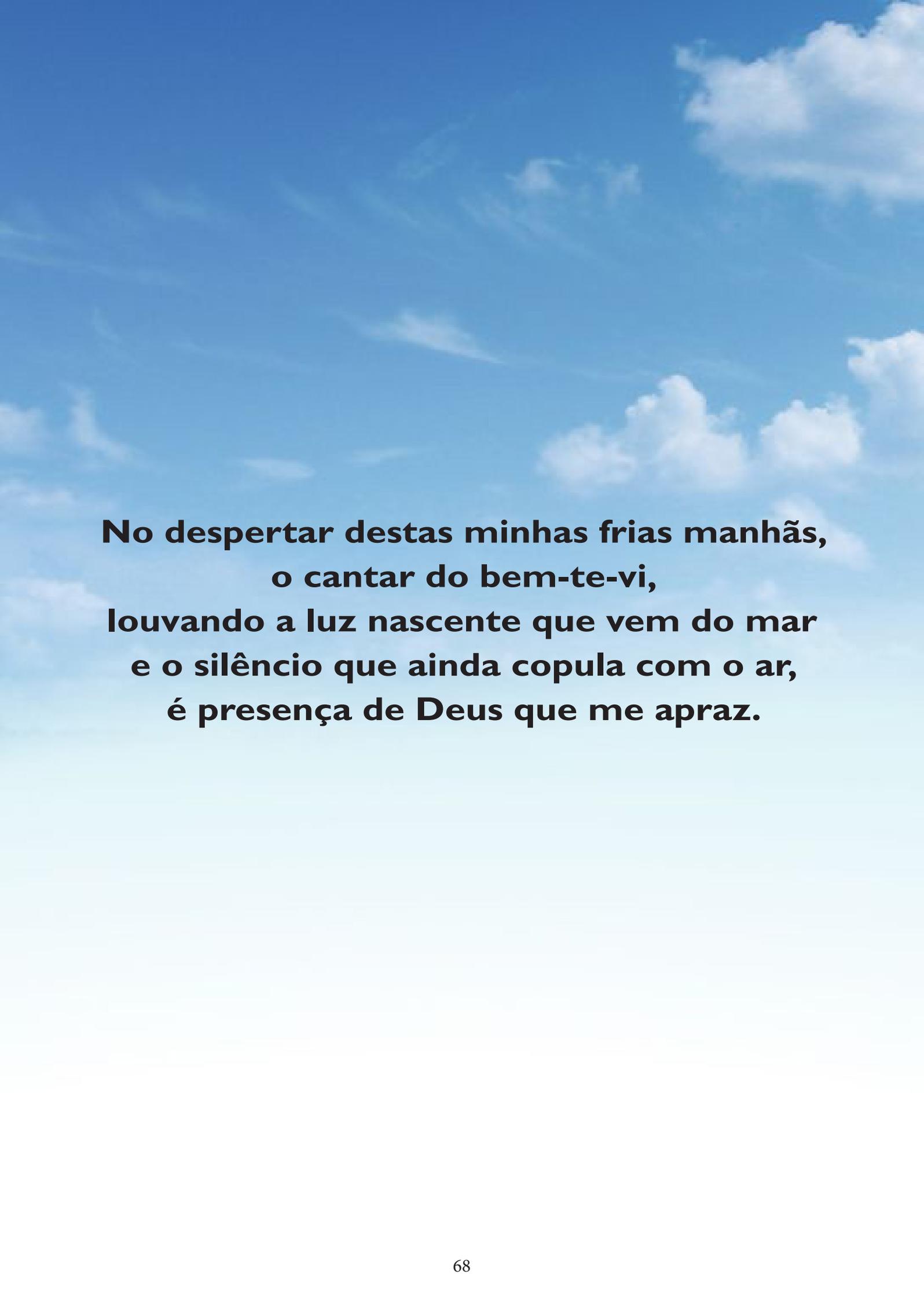
**Nos dias de criar filhos,  
a mulher reclama, eles pulam na cama,  
sujam o chão, não querem lavar banheiro,  
vão a pulso comprar o pão.**

**Nos dias de criar filhos,  
o computador manda, a televisão desmanda,  
o rock in' roll do Nirvana,  
a luz que não apagam,  
o ventilador, o telefone chama,  
os cachorros latem,  
o papagaio diz coisa, assobia,  
no aquário os peixes em silêncio,  
o gato arranha, mia, a ração acaba,  
jandaias, calopsitas, periquitos, algazarra.  
Nos dias de criar filhos, nós nos recriamos.**



**O olho se entrega ao escuro,  
e até sente prazer,  
mas sua paixão é a luz.**

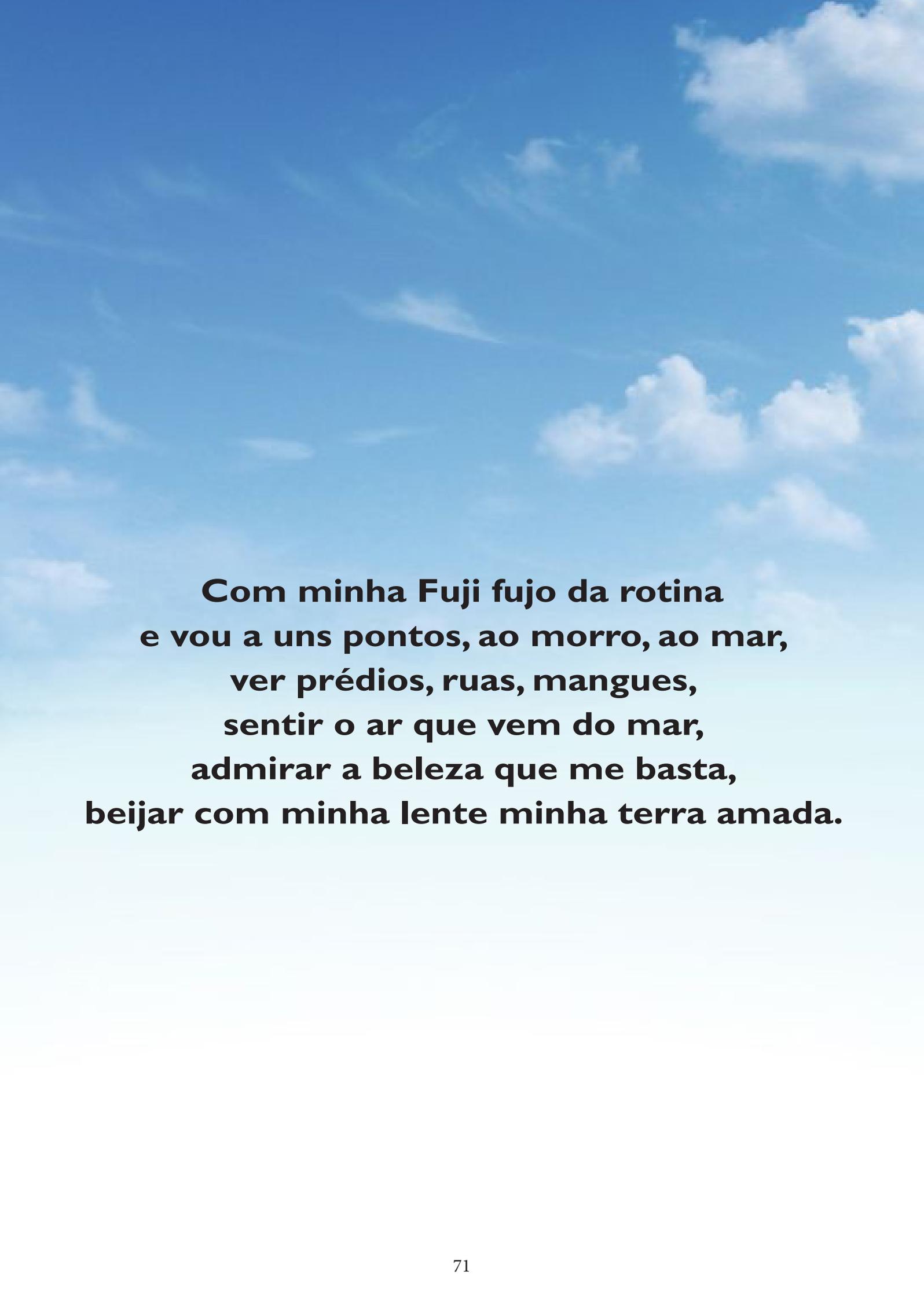
**Pouso na casa deles  
tal qual um canário cantador  
num viveiro de sofrer.  
Canto minhas glórias e  
ouço os seus lamentos.  
Estou na casa deles:  
do empregado rural,  
do meeiro, do parceiro,  
do pequeno produtor.  
Hoje ela está cheia,  
é segunda-feira,  
dia do dentista sem diploma e  
do médico que não parece doutor.  
Estou aqui faz uns dias,  
domando carcarás e gaviões famintos.**



**No despertar destas minhas frias manhãs,  
o cantar do bem-te-vi,  
louvando a luz nascente que vem do mar  
e o silêncio que ainda copula com o ar,  
é presença de Deus que me apraz.**

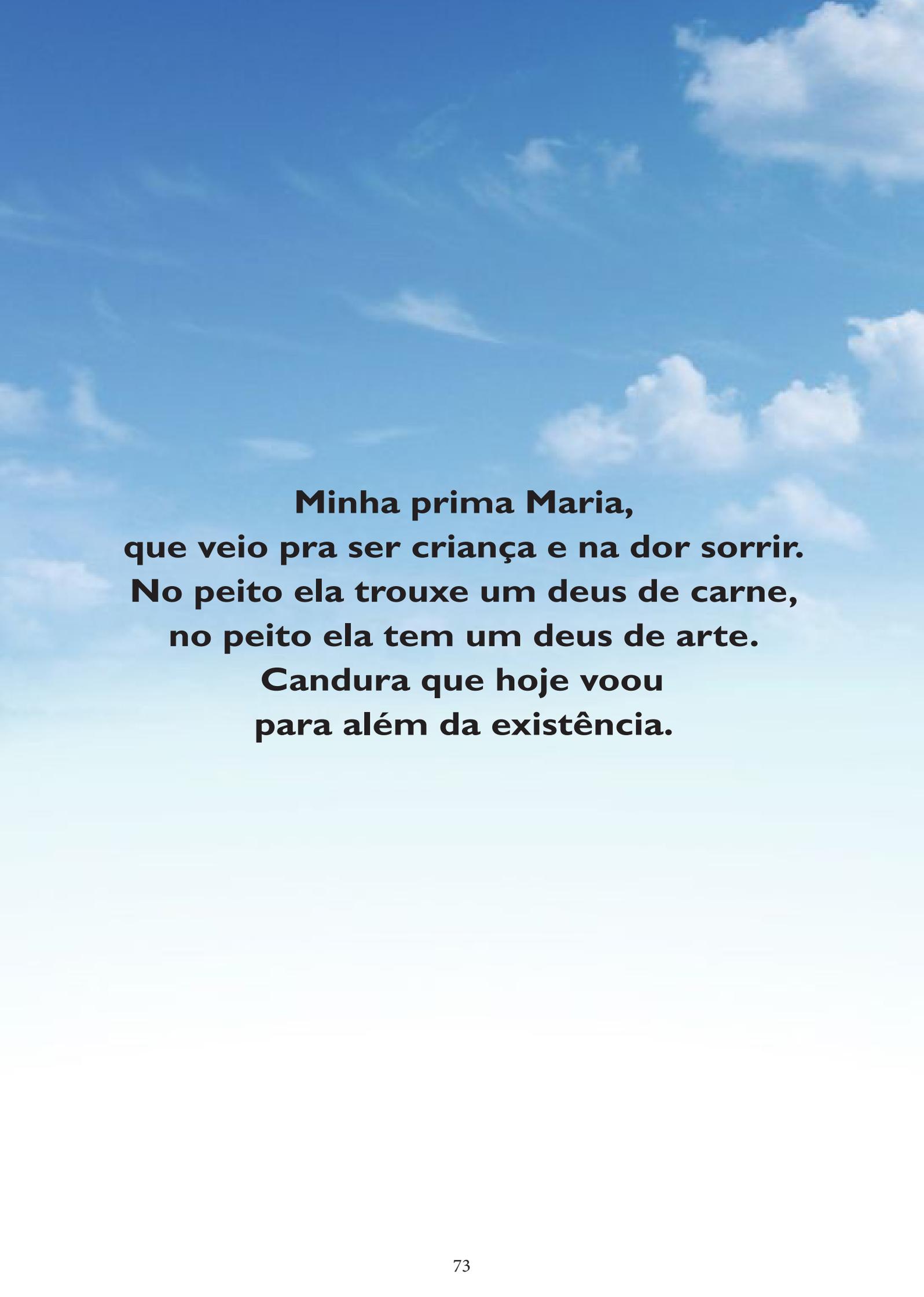
**Os dias passam e eles ganham corpo.  
Como são fortes as suas presenças,  
já não são aquelas tênues existências,  
já não podem mais me deixar.  
Não sei se desejo  
que o tempo os conduza  
aos outros instantes da vida,  
para longe de mim.**

**Meu coração aguenta a emoção,  
portanto deixem que eu me extravase,  
que a bebida me tome, me engane,  
que eu me derrame pela cor canarina,  
pela verde e azul que também são minhas.  
Deixem que a alegria me tome, me devore,  
não é todo dia que se é campeão do Mundo.**

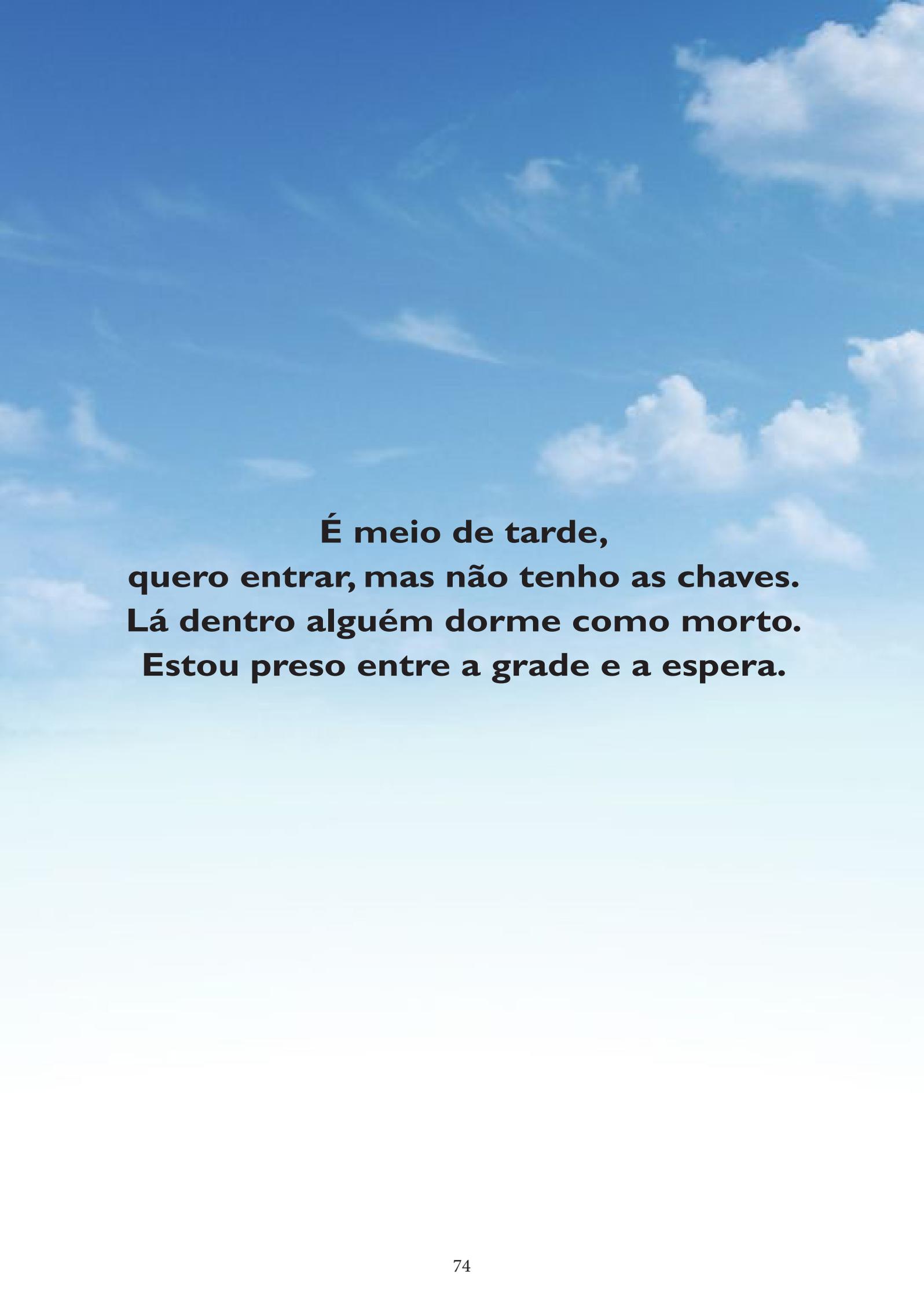


**Com minha Fuji fujo da rotina  
e vou a uns pontos, ao morro, ao mar,  
ver prédios, ruas, mangues,  
sentir o ar que vem do mar,  
admirar a beleza que me basta,  
beijar com minha lente minha terra amada.**

**Pousou indelével, o ano que passou,  
na memória dos que a ele sobreviveram.  
Ainda estou vivo,  
sem maiores exclamações, contemplando,  
ruminando as questões sem respostas,  
iludido com as versões impostas,  
bebendo os cálices doce e  
amargo da existência.**



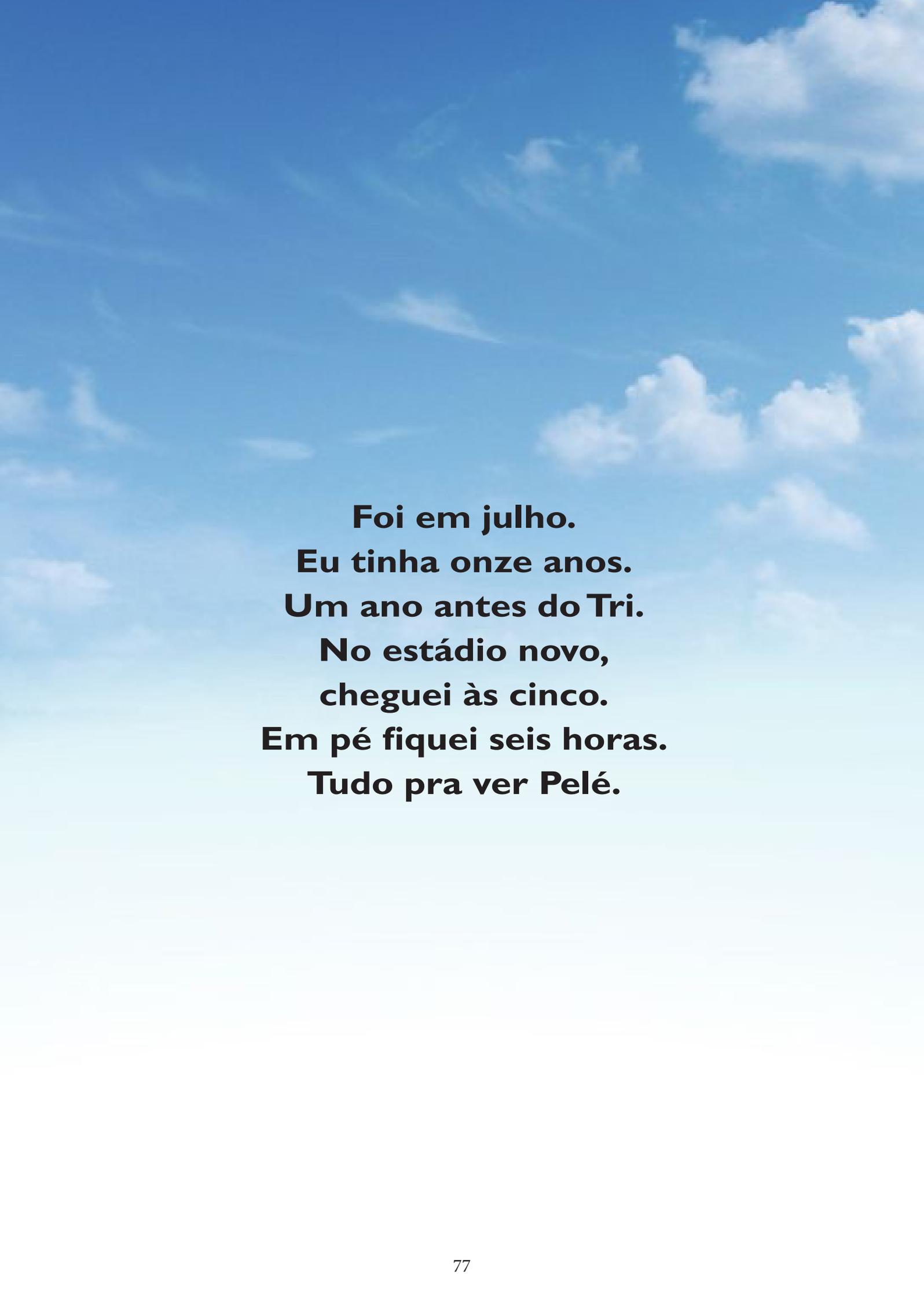
**Minha prima Maria,  
que veio pra ser criança e na dor sorrir.  
No peito ela trouxe um deus de carne,  
no peito ela tem um deus de arte.  
Candura que hoje voou  
para além da existência.**



**É meio de tarde,  
quero entrar, mas não tenho as chaves.  
Lá dentro alguém dorme como morto.  
Estou preso entre a grade e a espera.**

**Por que moras num invisível tão longe?  
Por que nos faz viver assim, doendo?  
Por que nos faz morrer assim, todo dia?  
O nosso doer e o nosso morrer  
parecem resolver o teu ser.  
Por que não vens morar na lua,  
para eu olhar no teu rosto?**

**Procuram-te onde não te encontro:  
em templos, sacrifícios, superstições,  
no amar apenas por palavras.  
Falseiam a tua forma e os teus anseios.  
Não te procuro pelos caminhos impostos.  
Tu és o que é e estás onde está.  
Não és o que simplesmente pensamos,  
nem estás onde comodamente queremos.  
Vislumbro a tua presença,  
nos movimentos e nos contrastes,  
no existir sobre o não existir.**



**Foi em julho.  
Eu tinha onze anos.  
Um ano antes do Tri.  
No estádio novo,  
cheguei às cinco.  
Em pé fiquei seis horas.  
Tudo pra ver Pelé.**

**Nos dias que sou levado apenas pela natural  
compulsão de viver,  
fazendo apenas o que é de hábito,  
desfocado, de olhar baixo, sorrindo falso,  
sentindo exagerado o mau cheiro das ruas,  
ainda assim não esqueço de a Deus  
agradecer pelos desertos de travessia.**

**Porque agora estou no estádio,  
um torcedor do meu lado diz mais da paixão.**

**Sou alvirrubro, alvinegro, canarinho.  
A bola lá embaixo é senhora, é escrava.**

**A bola lá embaixo é pincel,  
e quando a arte pinta a gente  
esquece que é mortal.**

**Porque agora estou no estádio  
assistindo ao jogo do imponderável,  
esperando que gol seja feito a meu favor.**

**No jardim das dalias da casa de vovó  
as flores eram brancas, algumas amarelas,  
e eu criança frágil, igual a elas.**

**Envolto em caules, folhas e pétalas,  
de calção e peito nu, mãos e pés sujos de terra,  
eu brincava com gafanhotos,  
libélulas e insetos outros.**

**Da varanda da casa, meu avô me olhava,  
o beija-flor me dizia.**

**Minha irmã Glorinha,  
a ponta da rama.  
Chegou sorridente,  
aprendeu o meu nome,  
comeu no meu prato,  
andou no meu carro,  
brincou de boneca,  
girou bambolê,  
pulou, correu, cantarolou.  
Não demorou, todavia,  
levada que foi por Deus,  
para sempre nos deixou.**



**Ai de mim,  
que só nasci pra amar e dizer sim.**

**No cofre das minhas lembranças  
guardo do meu eu criança  
as coisas que o tempo levou:  
dias de tanta beleza, esbelta e rica pobreza,  
marcas que o vento apagou.**

**A janela me conduz às telhas,  
abraçadas que estão elas,  
mas frágeis e indefesas.  
Vejo nelas os humanos.  
A janela me conduz ao céu,  
que nem sempre é azul,  
às vezes é sujo e escuro.  
Entre mim e o céu existe o abismo,  
que não compreendo, que me engana.**

**O som triste do apito noturno,  
sinaliza a estrada da minha insônia.  
A brisa traz de longe uma música sofrível,  
denotadora da madrugada dos pobres.  
Despeço-me dos versos que leio,  
sento numa das minhas poucas cadeiras,  
desligo as luzes da casa,  
menos uma para eu não ficar tão só.**

**Minha felicidade está no não sentir dor,  
no gol a meu favor, na arte que acho linda,  
no ter pai e mãe ainda, no cantar e conversar.  
Minha felicidade está no x das coxas,  
no saciar a fome, a sede e o sono,  
no ter, no servir, no compreender.**



**Ainda estou por aqui,  
neste enigmático existir,  
a cumprir ordens, a produzir,**



**Na minha infância,  
meus pés e mãos sujos de terra.  
Nem assim as doenças olharam pra mim.**

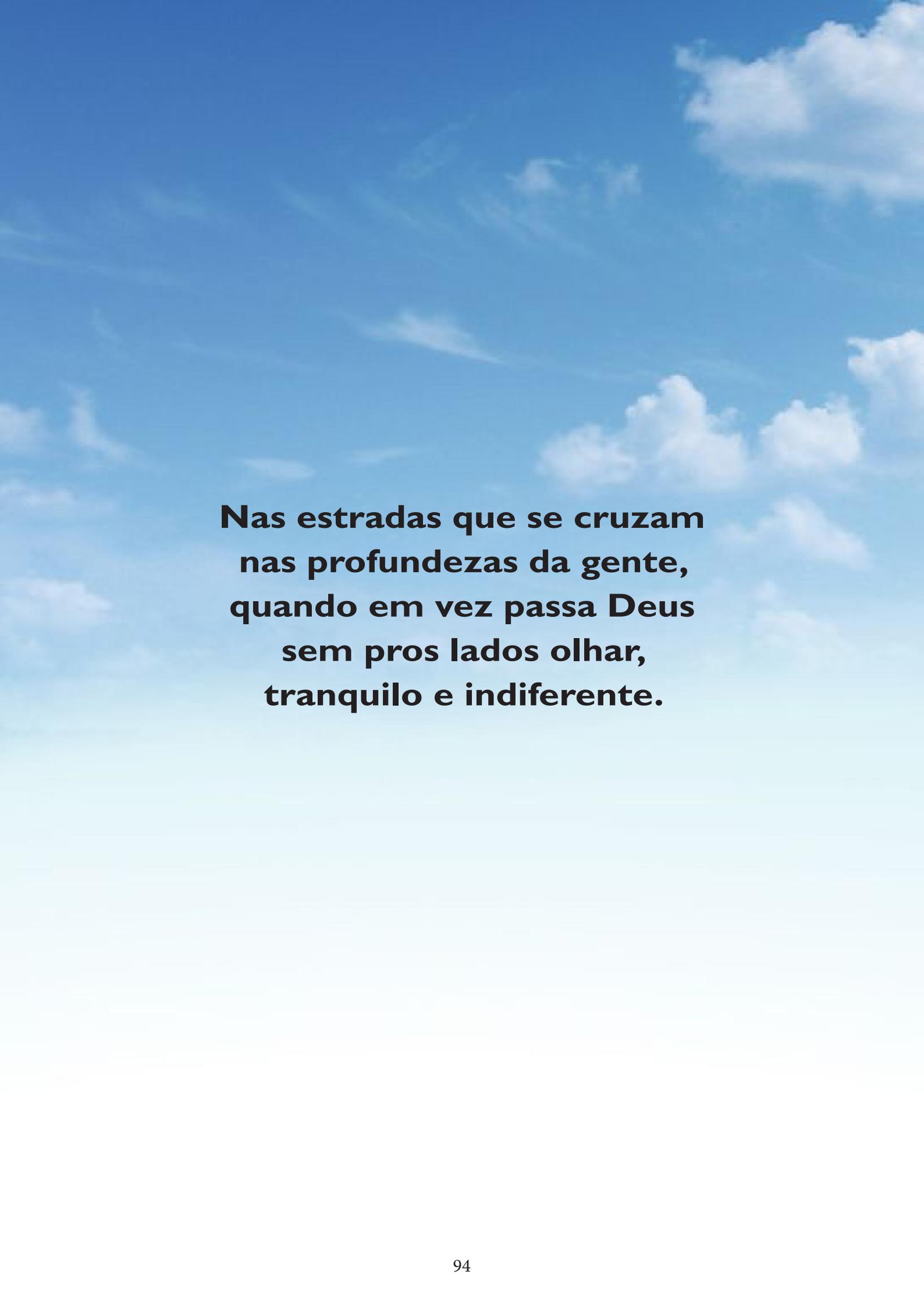
**Meus doze, treze, dezesseis anos.  
Mal chegavam as tardes quentes de dezembro,  
pelo parque eu já corria,  
vestido de alegria, brincando e  
chutando pedras  
sob sombras de árvores velhas.  
Era o Natal que chegava,  
no carrossel de Seu Tobias,  
eu não brincava e trabalhava.**

**Gosto de estar só;  
é via calma, só minha,  
onde dirijo despreocupado,  
contemplo calmo os quatro cantos.  
Sozinho comigo, não faço sala,  
flui melhor meus pensamentos,  
mais eu me escuto, me compreendo.**

**Espero a chuva passar  
na barraca das macaxeiras.  
Na sacola trago cana, banana  
e outras coisas da feira.  
Meus olhos pousam na vendedora de ostras,  
na mulher fateira, no peixe fresco,  
na faca peixeira,  
nas galinhas penduradas, mortas.  
Sinto os cheiros da feira,  
leio a rima das frutas,  
das verduras, dos legumes,  
das carnes vermelhas.  
Chuvinha fina com sol, agora,  
é casamento da raposa.**

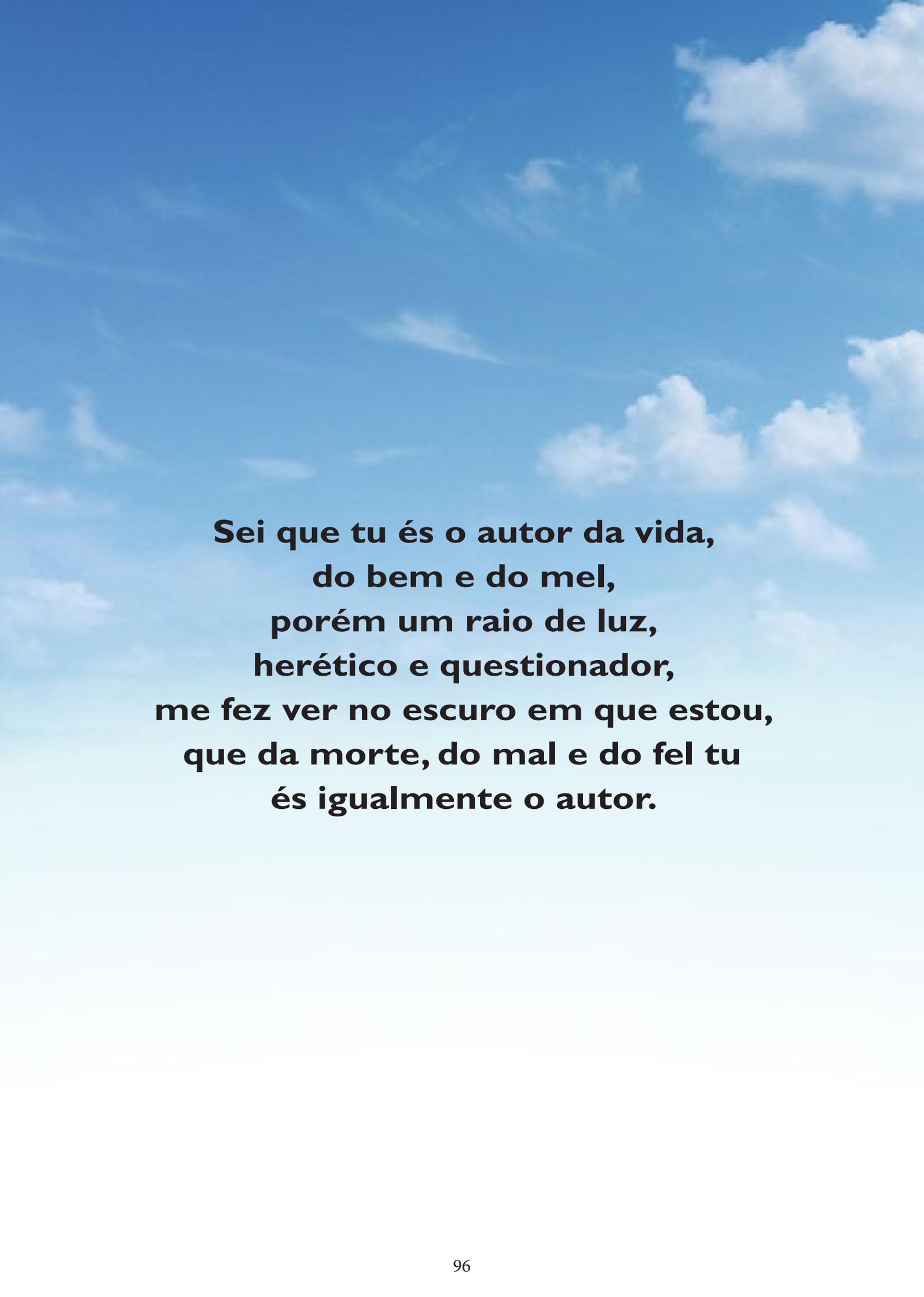
**A água amarela chega calada,  
entra lentamente.  
É suja, oleosa, intrusa, da chuva.  
Invade a rua, o quintal, o alpendre,  
os quartos, a sala, a cozinha,  
os quatro cantos da casa;  
afoga as poucas coisas da gente.  
É da água a nossa casa.  
Minha mãe chora  
quando a água entra.  
Meu pai, calado, olha,  
depois diz que a água vai embora.**

**É difícil ser gente, se todos mentem,  
se os vírus não gostam da gente,  
se a dor pode ser inclemente,  
se a comida nem sempre é quente,  
se não somos de todo conscientes,  
se não se diz o que realmente se sente,  
se não se ama incondicionalmente,  
se a violência é uma constante,  
se a morte vive passando rente,  
se perdemos constantemente,  
se o meio ambiente só vive doente,  
se as pessoas não se entendem.  
É difícil ser gente.**



**Nas estradas que se cruzam  
nas profundezas da gente,  
quando em vez passa Deus  
sem pros lados olhar,  
tranquilo e indiferente.**

**Em minha terra, o Velho Chico.  
Brejo Grande diz: por que se vai?  
Propriá e Ilha das Flores ficaram para trás.  
Nesta manhã de novembro,  
pelas bandas de Neópolis,  
na estrada beirando o rio,  
numa sua margem nua,  
contemplo-o, azul,  
plácido, acenando pra mim.  
Seu sorriso me esconde que sofreu.**



**Sei que tu és o autor da vida,  
do bem e do mel,  
porém um raio de luz,  
herético e questionador,  
me fez ver no escuro em que estou,  
que da morte, do mal e do fel tu  
és igualmente o autor.**

**É noite,  
as casas já estão frias.**

**Do mirante da minha insônia, admiro as luzes  
dos homens e faço indagações em vão:  
Onde estão os sonhos dos que partiram?  
Onde o fogo e a dor se escondem?  
O que fazem agora o passado e o futuro?  
Onde o tempo e o espaço descansam?  
O que existe além do Universo?  
As estrelas sabem quem somos?**

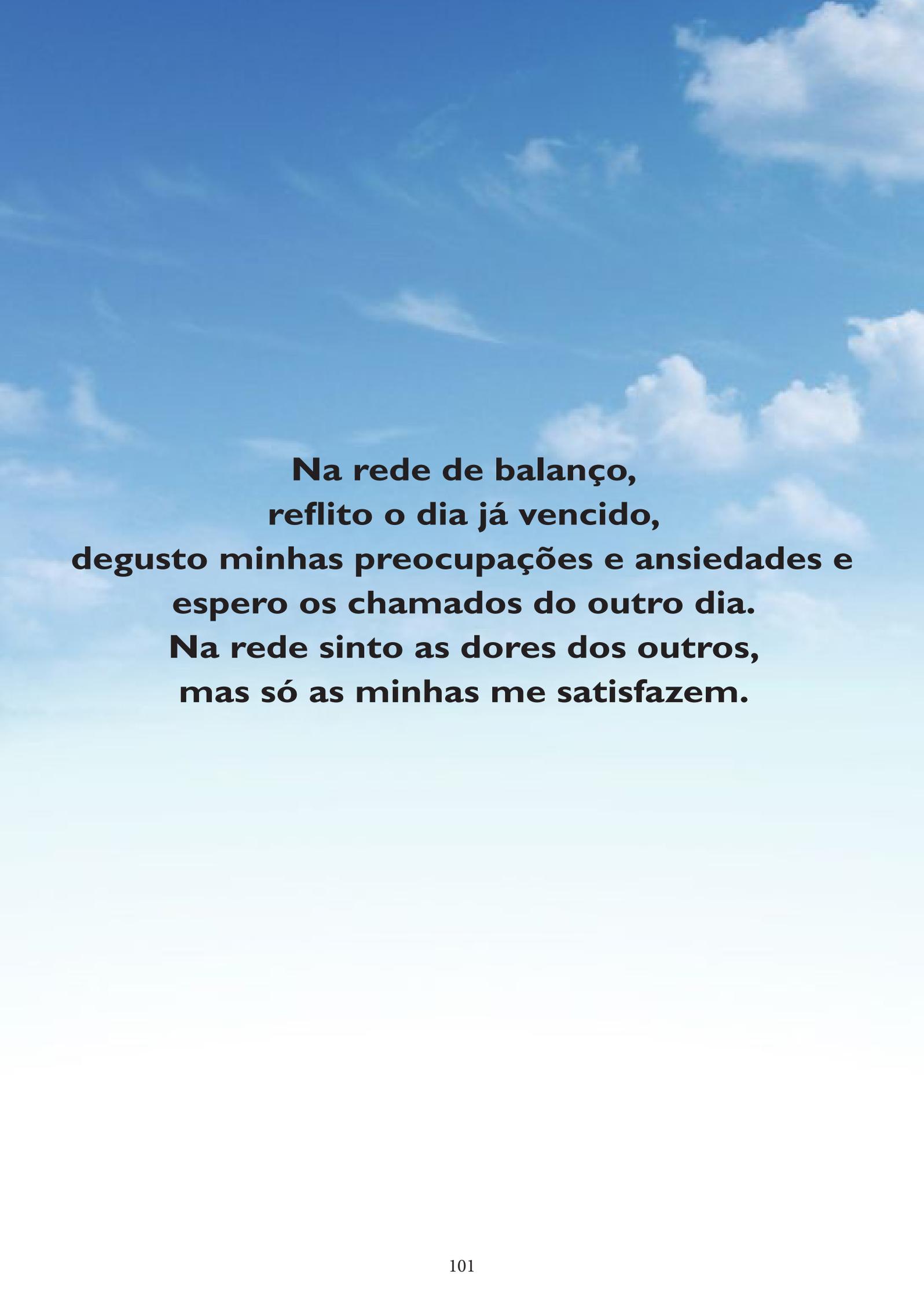
**Outubro de 2006.  
Fotos, fogos, arroubos.  
Eu com os outros,  
deslumbrados, orgulhosos,  
ante a secular sonhada ponte.  
Meus velhos pais e uma sobrinha comigo.  
Ela, a ponte, colossal, magnífica,  
vestida de azul a refletir-se nas águas.  
Aracaju e Barra dos Coqueiros  
agora fazem amor.**

**Japaratuba, cacique valente,  
rio caudaloso, de águas perenes.  
Outrora, uma missão, hoje,  
município sergipano,  
chão dos meus saudosos avós,  
que em 1932 trouxeram à luz meu pai.  
Felinto, que os seus chamavam de Linto,  
a alegria da casa, o amigo da flauta,  
o menino peralta de infância bem gozada;  
no sítio da casa  
correu pastos, campinas,  
andou a cavalo, nadou em rios,  
banhos e lagoas.  
Foi aluno do professor  
Emiliano Nunes de Moura,  
foi obreiro do pai, no armazém e  
na loja de panos.  
Vieram os outros tempos para o filho de  
Maria da Glória e Donaciano, Corrêa.  
Agora, Aracaju,  
com a esposa amada e os filhos  
que logo vieram, depois os netos e bisnetos.  
Trabalhou muitos anos no Trapiche Lima,  
de Fontes & Irmãos.  
Depois veio a representação comercial,  
a Gráfica Santana,  
o sítio de laranjas em Boquim,**

**a casa na Atalaia Nova,  
a ajuda material aos filhos.**

**Caminhos de luta, de superações, realizações,  
que ele invariavelmente percorreu  
com responsabilidade, humildade,  
sabedoria, dedicação,  
paciência, fé e esperança.**

**Os muitos anos o trouxeram até aqui,  
sempre voltado às lembranças do passado,  
mas sem perder de vista  
o presente e os dias do porvir,  
sem perder a sobriedade e a mansidão.**

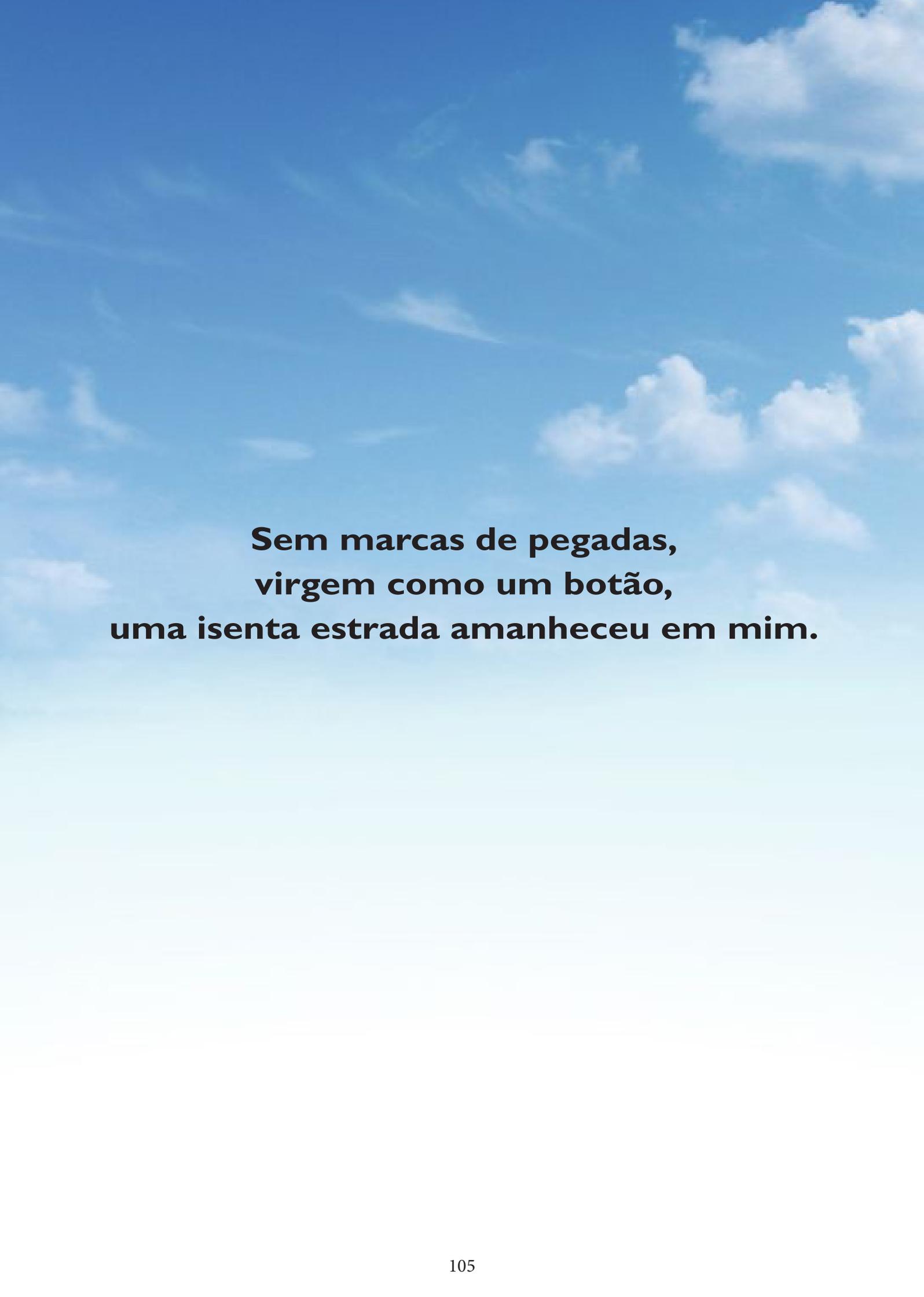


**Na rede de balanço,  
reflito o dia já vencido,  
degusto minhas preocupações e ansiedades e  
espero os chamados do outro dia.  
Na rede sinto as dores dos outros,  
mas só as minhas me satisfazem.**

**Começo de vida.  
Vi meu pai pela primeira vez.  
Estávamos comprando leite,  
quando ele viu o perigo por mim.  
Um homem, no local,  
sacou uma arma e ameaçou atirar em alguém.  
Rapidamente meu pai me pegou  
em seus braços e  
saltou comigo o muro baixo  
e de mãos dadas  
saímos corremos rua à fora.  
Ele teve medo por mim.  
Ali vi meu pai pela primeira vez.**

**Manhã de setembro, domingo de feira.  
Eu caminhava, mansamente,  
por uma rua do bairro;  
na mente, as dores e os prazeres da vida.  
De súbito, uma senhora idosa,  
de baixa estatura,  
em trajes simples e ágil no andar,  
volta-se para mim e vem em minha direção;  
saio dos meus pensamentos.  
Para diante de mim, fita-me,  
e, com olhos marejados,  
esculpindo meu rosto  
com suas mãos em gestos,  
diz da minha semelhança  
com um filho seu.  
Indago-a sobre o filho,  
onde mora, onde trabalha.  
Ela me diz, sorridente, o nome do filho,  
e onde trabalha.  
Sorri e abracei a frágil mulher.  
Ela é mãe de um colega meu de trabalho.**

**Lampião morreu ali.**  
**Indo por Poço o chegar é mais longo e penoso.**  
**Fui com alguns dos meus por Piranhas,**  
**descendo em barco o Velho Chico.**  
**Em águas alvoroçadas, frias nestes dias,**  
**libertas da Usina, uma de suas muitas sinas,**  
**descemos, driblando pedras,**  
**vigiados por morros ora vestidos de verde.**  
**A gente no curso do rio...**  
**inesquecível deslumbre.**  
**A trilha que leva à grotta**  
**é quase fácil, é quase difícil. Chovia.**  
**Era quinta-feira, 28 de julho, era o dia.**  
**A caatinga estava lá, viva,**  
**e cascavéis nos espreitavam.**  
**Angicos é ermo, pequeno, escondido.**  
**Não o vi triste, lúgubre, mas, história.**



**Sem marcas de pegadas,  
virgem como um botão,  
uma isenta estrada amanheceu em mim.**

**Todo mundo tem razão.  
Meus amigos e meus inimigos têm razão.  
Os pobres e os ricos têm razão.  
O governo e o povo têm razão.  
Todo mundo tem razão.  
Mas o que é a razão?**

**Um dia crio galos e galinhas,  
de quintal, de raça, de capoeira,  
soltos, ciscando, dormindo empoleirados,  
comendo grão de milho, capim,  
barata, minhoca, resto de comida,  
lagartixa, escorpião, cobra.  
Um dia crio galos e galinhas  
do jeito que a natureza gosta:  
pondo, chocando e criando pintainhos.**

**Traz no rosto um sorriso que ri,  
de unhas feitas, espinhas,  
menina que busca a mulher.**

**Stephany.**

**Suas linhas finas e lindas  
já ensaiam o amor.**

**Debuta, Fani!**

**Sejas diva, viva,  
altiva, do bem.**

**Que Deus lhe faça feliz!**

**Meu sobrenome é paciência,  
ave nascida no ninho do meu feitio,  
de asas longas e sonhos reprimidos,  
que aqui e ali deseja voar de mim,  
e que logo corto suas asas e vendo seus olhos.  
Lembro-lhe que seu canto  
é essencial para mim,  
cantiga que não canso de cantar,  
quem quiser pode chamá-la também de  
“saber esperar”.**

**Não quero nada que não seja a  
ida com possibilidade de vinda.  
Não quero nada que não seja a trilha,  
ainda que difícil ou maltrapilha.  
Não quero nada que não sejam as cores,  
os cheiros, as idades, algumas dores.  
Não quero nada  
que não seja a minha verdade.  
Não quero nada  
que não seja a minha liberdade.**

**Eu tinha uns quatro a cinco anos,  
quando me vi estudando  
no Educandário Santo Euzebio,  
de dona Leonor,  
minha primeira professora.  
Ficava perto de minha casa,  
na mesma rua de Pernambuco.  
Lembro do recreio,  
no quintal, do brincar de correr,  
de bater uma bolinha, de merendar pão com  
manteiga, mascar chiclete, chupar picolé.  
Era grande a minha luta  
com o **ABC** e a tabuada.  
Uma vez um colega foi levado ao quadro.  
Vi que ele sofria,  
pois não sabia escrever o alfabeto todo;  
buscava em vão a consoante seguinte.  
Era notável a sua aflição,  
visto que dona Leonor batia.  
Deu-se que, sentado de onde eu estava,  
soprei baixinho a letra que seria.  
Dona Leonor ouviu, de imediato  
deixou o birô e veio em minha direção,  
levantou-me  
grosseiramente da cadeira  
e, rispidamente, disse duas, três vezes  
para eu não repetir mais o que eu fiz.**

**Com um taco de assoalho  
que lhe servia de palmatória,  
segurou firme a minha mão,  
que tentei fechá-la, soltá-la,  
e me deu uma forte palmada.**

**Uma só palmada.**

**Meus colegas, uns dez, sentadinhos,  
calados, me olhavam, amedrontados.**

**Chorei.**

**Ainda hoje me dói  
aquele humilhante “bolo”,  
que um grama não tirou  
da porção que trago em mim,  
de me compadecer e ajudar ao próximo.**

**Na minha infância e adolescência,  
vivas na rua Pernambuco,  
no bairro Siqueira Campos,  
convivi com moscas, baratas,  
urubus, ratos e muriçocas.  
Foram integrantes da minha vida.  
Quanta repulsa me causaram,  
quantas armadilhas lhes preparei,  
quanto veneno botei,  
quantas vezes lhes espantei.  
Sinto que muita coisa aprendi com eles.**



**O céu do Aribé  
pontilhado de urubus.  
Era lixo demais nas ruas,  
nos terrenos baldios.  
Nada de errado eu via.  
Eu era menino.**

**Aracaju passa por ele,  
pelo Siqueira Campos,  
ou bairro Aribé, se quiser,  
dos meus primeiros anos,  
tabuleiro, pobre recanto,  
de gente simples, operária,  
de ruas que encontrei nuas,  
poeirentas, esburacadas,  
de casas frágeis, estreitas,  
ricas de carências e filhos,  
indignas quando tomadas  
pelas águas das chuvas malvadas.**

**Aribé, se quiser,  
dos meus primeiros anos,  
das calçadas de pedra calcária,  
de cimento, de chão batido,  
algumas poucas de ladrilho,  
das valas abertas, sujas,  
dos esgotos expostos, fedidos,  
do lixo nos terrenos baldios.**

**Aribé, se quiser,  
dos meus primeiros anos,  
da Estação da Leste com  
seus trens barulhentos,  
da praça Dom José Tomás,  
da Igreja do Espírito Santo,**

**dos Adventistas do 7º Dia e da Promessa,  
da Assembleia de Deus,  
da feirinha da rua Goiás,  
hoje Carlos Correia,  
da marinete chamada Diana,  
das Kombis listradas que nos transportava.**

**Aribé, se quiser,  
dos meus primeiros anos,  
do comércio que já existia,  
das carroças pra lá e pra cá,  
dos currais que eu conhecia,  
cavalos, bois e carneiros nas ruas,  
galinhas com seus pintos nas sarjetas,  
dos galos cantores das madrugadas,  
do coaxar de sapos nas noites invernais.**

**Aribé, se quiser,  
dos meus primeiros anos,  
da minha rua de Pernambuco  
com uma vala a correr quase pelo meio,  
do campo de futebol da rua Bahia,  
dos times Rio Negro, Portuguesa  
e Flamengo Circulista,  
do campinho de pelada  
que dava pros fundos do meu quintal,  
no qual driblei tal qual Garrincha e  
fiz mais gols que Pelé.**

**Aribé, se quiser,  
dos meus primeiros anos,  
do baticum dos terreiros,  
dos cinemas Vera Cruz, Plaza e Bonfim,  
das padarias Santa Rita,  
de Amarante e Santo Antônio,  
da barbearia de seu Moura,  
de Edvaldo meu primeiro barbeiro,  
das oficinas de Tavares, Torquato e Florival,  
da carpintaria de seu Estael,  
do armarinho e alfaiataria,  
depois Bar dos Estudantes,  
de dona Dulce e seu Agnaldo,  
da lanchonete de dona Valdete e seu Netinho,  
do Distrito Policial da rua Amazonas,  
de seu Lau investigador,  
de algumas casas de tolerância,  
da saboaria de seu Reinaldo,  
do Supermercado Paes Mendonça,  
do G. Barbosa que já estava,  
da Cooperativa Sergipense de Laticínios (CSL),  
da Fábrica de Cimento que muito poluía,  
das ruas Santa Catarina, Espírito Santo e Paraná,  
esta hoje Mariano Salmeron,  
rua que eu menino vi Garrastazu Médici passar,  
da Transvemasa concessionária da Volks,  
do Jacques Motel na entrada da cidade,**

**dos armarinhos de seu Antônio,  
de dona Maria e Cantinho da Japonesa,  
da marcenaria de seu Manoel,  
de Justino das Bicicletas,  
das bodegas de seu Arlindo,  
seu Antônio e Tonho Ventinha,  
das farmácias de seu Moura e seu Oliveira,  
das Funerárias Salmeron e Santa Teresinha,  
do Centro de Reidratação,  
do grupo espírita Irmão Fêgo,  
de dona Gilda parteira,  
do bar Sete Portas e dos muitos botequins,  
da Biblioteca Clodomir Silva,  
dos colégios Walter Franco, Senhor do Bonfim,  
Cristo Rei, Dom Fernando Gomes, Rotary,  
Getúlio Vargas, Costa e Silva, General Siqueira,  
Jardim de Infância,  
escola de dona Eulina, Rodrigues Dórea  
e do Educandário Santo Euzébio,  
de dona Leonor, quem primeiro me ensinou.**

**Aribé dos meus primeiros anos...**

**Fotografar é conviver com  
contrastes, harmonias, perspectivas;  
é interagir com luz e sombra namoradas;  
é apreender o instante;  
é acenar em despedida para o que  
amanhã não mais vai estar.**

**Carne avessa, devassa,  
de cheiro humano,  
livro sábio, magnânimo,  
onde eu mergulho insano  
para ser divino e ter ânimo.  
Sou seu escravo, diva flor,  
um outro contrário da dor.**



**Estar preso aos meus  
é a liberdade que Deus me deu,  
o cárcere dos meus livres voos.**

**Dela já ouviu falar - a criança.  
Sabe apenas que ela faz a gente virar  
estrela no céu.**

**O jovem sabe que um dia com ela vai estar.  
Tem medo dela,  
mas desconfia que seu encontro  
com ela demorará,  
pois crê que é distante a casa dela.**

**O adulto morre de medo dela.  
Até já lhe disseram onde ela mora:  
no país do adulto,  
que pensa sempre nela.**

**O idoso sabe muito bem que ela  
hoje reside numa rua do seu bairro,  
e que vez ou outra  
passa na frente de sua casa.**

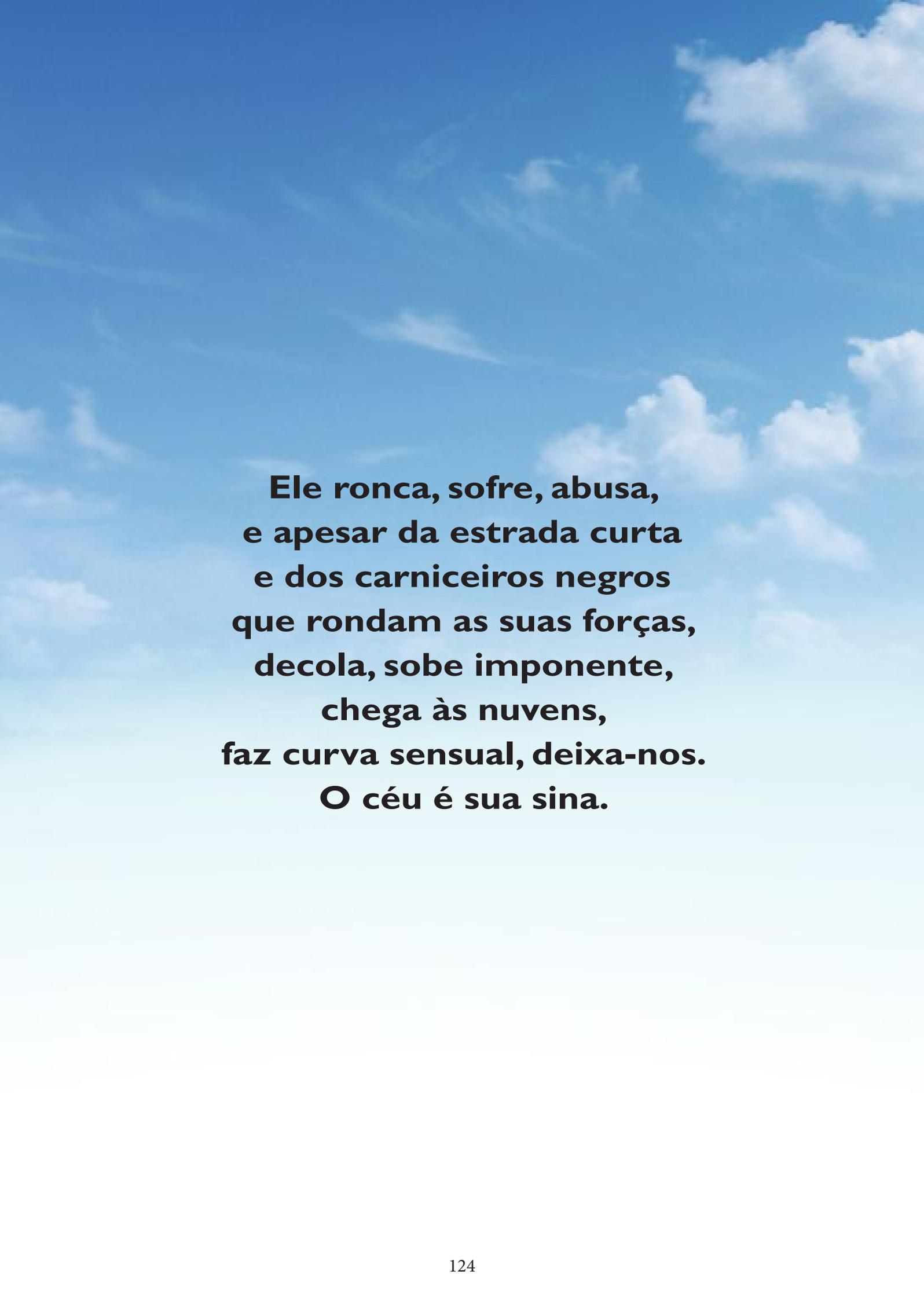
**O idoso conheceu muita gente  
que viajou com ela.**

**O idoso pensa nela todo dia.**

**O muito velho é vizinho dela.  
Tem conversado com ela.  
Toda hora pensa nela.**



**Religiões, respeito-as,  
mas elas não me interessam.  
Deus e o eterno me interessam.**



**Ele ronca, sofre, abusa,  
e apesar da estrada curta  
e dos carniceiros negros  
que rondam as suas forças,  
decola, sobe imponente,  
chega às nuvens,  
faz curva sensual, deixa-nos.  
O céu é sua sina.**

**Eis o pesadelo que nos toma agora,  
acordados,  
que faz a morte veraneiar  
em nossos pensamentos,  
ceifar gente, muitas ainda verdes.  
Ele não convida, a Covid!  
Somos frutos da frondosa vida,  
árvore de quem temos o sentido,  
lugar onde queremos para sempre estar.  
Se um dia, que espero logo chegar,  
nos livrarmos desse sonho mau,  
por certo olharemos menos pra Marte,  
menos ainda pra Órion ou Sirius,  
e buscaremos entender mais e melhor  
as bactérias e vírus.**

**Não começo Lampião por Lampião,  
mas pelo sertão daquele tempo e chão vãos,  
largos, largados, vazios, adustos, quentes;  
de índios corridos da arma dos brancos,  
de vaqueiros brutos, anônimos, destemidos,  
hinterland esquecido, sedento e faminto;  
mundo resignado, manso e violento;  
terra de feudos, de senhores de mão de aço,  
de vassallos, de submissos,  
de escravos disfarçados;  
mundo árido de justiça, de famílias em rixas,  
de desvirtuada política social,  
de desatenta religião,  
nascido de homens de cangaço.  
Não começo Lampião por Lampião,  
mas pelos milhares de crianças, juvenis,  
que ali não vieram para ser feliz,  
nem seus jovens, para sonhar.  
Começo pelo interior do Brasil,  
abandonado, por isso hostil.  
Não começo Lampião por Lampião,  
sem antes saber de Cabeleira,  
Calandro, Lucas da Feira,  
Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino,  
vendo-me nos seus tempos e lugares,  
nos seus motivos e nas suas circunstâncias.  
Não começo Lampião por Lampião,**

**mas pelos gritos que do sertão já se ouviam,  
gritos do desequilíbrio social,  
da insuportável dor sentida,  
dos muitos lamentos,  
dos ais de uma gente sofrida.**

**Não começo Lampião por Lampião,  
mas pelas estradas tortuosas, esburacadas,  
sem pontes e acostamentos,  
caminhos de perdição, as vias de Lampião,  
para deduzir que sua saga, seu brado,  
seu modo de ser desrespeitoso, violador, incivil,  
sanguinário, mais das vezes cruel e vil,  
que o fez ser a grande expressão do cangaço,  
Este banditismo que não nasceu em vão,  
mas para o Nordeste dizer  
“eu existo” à Nação.**

**Faz tempo que não abraço,  
subindo em seus braços,  
minha amiga goiabeira,  
da minha infância primeira!  
Sinto saudade do seu fruto,  
em baixo, tocável, ou no alto,  
me chamando, provocando:  
goiabas verdes, amarelas, de  
popas rosadas, vermelhas, brancas,  
de abundantes caroços, suas divinas sementes;  
goiabas que até dos bichinhos  
que nelas moravam,  
muitos eu comi quando elas eu comia.  
Sinto saudade de suas folhas,  
minha amiga goiabeira,  
verdes, semiúmidas, cheirosas;  
até das folhas secas, espalhadas pelo chão,  
que sobre as quais eu pisava,  
estalando-as, produzindo o som,  
apanhando goiabas caídas, eu sinto saudade.  
Goiabeira da minha infância,  
que me amparava, me balançava, sorridente;  
e que eu, mais das vezes,  
a fazia cansar, chorar, sentir dor.  
Saudade tenho de sua pele fina, marrom,  
largando-se do seu corpo,  
bem como, de suas mimosas solitárias flores,**

**que chegavam com a primavera;  
dos ninhos de sebinho,  
que era o que eu mais via, bulia,  
dos micos, dos outros passarinhos,  
insetos comigo.**

**Comer suas goiabas entrelaçado  
em seus galhos e ramos,  
descobrimo o sabor dos cheiros,  
dos gostos e das texturas,  
Admirando o entorno, o todo, a natureza,  
era um aprender em liberdade,  
minha árvore professora.**

**Ah, sinto saudade também do seu doce batido,  
feito por minha tia Jair e a  
secretária Maria,  
no velho tacho de bronze,  
no fogão à lenha que lá existia,  
na rua de Laranjeiras, 1459, da minha Aracaju,  
casa dos meus maternos avós,  
o endereço da minha amiga goiabeira,  
que aqui homenageio,  
e aqui muito lhe agradeço.**

**Lampião cujo nome é Virgulino,  
e Manoel que se chamou Antonio Silvino,  
fizeram história no sertão nordestino.  
Seus nomes terminam em “ino”,  
Que rima com libertino, ferino, assassino.  
Os dois foram reis do cangaço.  
Quis porque quis o destino  
suas mortes num 28 de julho,  
Virgulino em 1938 e em 44 Silvino.  
Um teve morte matada,  
Num coito, com muito barulho,  
O outro teve morte morrida,  
Num canto que fez de regaço.  
Os dois foram reis do cangaço.**



**O mais difícil de morrer  
é despedir-se de si mesmo.**

**Ontem eu sonhei que estava  
na Aracaju dos anos 30.  
Impressionou-me  
o ar puro, o pouco barulho,  
o não tão colorido das coisas,  
o pequeno número de mulheres nas ruas,  
elas em vestidos longos, muito tecido.  
Homens, de chapéu e cavanhaque,  
camisas brancas, mangas compridas.  
Gente folheando jornal, revistas,  
pouco carro, mercado sujo, Palácio,  
Estátua de Olímpio, de Fausto.  
Quase não vi obesos.  
O rio me pareceu mais largo,  
Mais cheio, mais limpo, mais bonito.  
Admirei a Ponte que recebeu D. Pedro.  
Dei um salto no Ministério do Trabalho,  
Para conhecer colegas do passado.**

**Tem um louco no poder me apontando  
armas e ignorâncias para mim.  
Como se não bastasse a pandemia,  
o pandemônio.**

**No tempo que um dia chegará,  
o Homem em Marte pisará.  
Talvez eu não esteja mais por aqui,  
para chorar, sorrir, ufanar-me, aplaudir,  
como fiz, menino,  
quando Armstrong pisava no solo lunar.  
No “planeta vermelho”  
o ser humano pulos e cambalhotas  
nas vastidões marcianas dará.  
Fato extraordinário para os nossos dias,  
foi a nave não tripulada  
Perseverance em Marte chegar.  
Isso me fez até imaginar o homem  
já passeando por lá.  
Acontecimento que me comoveu.  
Porque sei que é página grande  
da história humana,  
este, um momento que será visto como  
um dos mais importantes  
da conquista do espaço  
interplanetário.**

**Viver é insistir em não morrer,  
é curtir a dor,  
a dor fisicamente não sentida.  
embora a mais dolorida.  
A dor que ocultamos  
sob os lençóis da esperança e da fé.  
Que dor é esta  
senão a da espera pelo derradeiro dia,  
pelo instante de para o além partirmos.  
Viver é esperar morrer.**

**A vida nos usa à exaustão.  
Só não me diz do seu sentido.  
Um dia me disseram que nada tem sentido.  
Acompanhar meus pais nos seus inescapáveis  
ocasionais tem sido o meu atual sentido.**

**Não me canso de estar no campo.  
Não me farto de vê-lo passando por mim:  
Mata, caatinga, pasto, plantação,  
sol do alvorecer, sol do ocaso,  
rodagens, cercas, açudes, rios,  
lagoas, cancelas, currais,  
morros, planícies, serras.  
Garças, carcarás, pássaros, jaçanãs,  
vaqueiros, cerqueiros, plantadores,  
belas moradas, casas de pobres,  
roupas coloridas nos varais.**

**Aracaju,  
meu berço querido,  
minha invencível fortaleza;  
eu sei onde estão os seus cajus,  
mangas, mangabas,  
cocos, caranguejos, siris;  
eu sei onde estão suas ruas, praças,  
avenidas, largos, becos,  
sei de suas artes, manhas, artimanhas,  
sei de suas entradas e saídas,  
dos lados feios e bonitos.**

**Converso,  
faço versos,  
falo comigo,  
converso com Deus  
(que sou eu sem  
o d inicial e o s no final).**

**Sou vida,  
idas, paradas, vindas.**

**Converso,  
faço versos,  
Falo comigo,  
converso com Deus  
(junção de todos os eus).**

**Choro, canto, rio,  
imanência sou,  
substância, essência,  
fábrica de dor.**

**Sou sonho, sou desejo,  
alimento do tempo.**

**Busco motes,  
sentidos, motivos,  
mais que um norte,  
fujo da morte.**

**Vida humana,  
é essência que, num átimo,  
chega do além e nos faz  
brotar como relva,  
como a água de nascente.  
Impregnada feito corpo,  
eu, você, toda a gente...  
A vida nos encaminha,  
nos conduz por suas estradas,  
nos leva e nos traz para onde bem quer,  
nos ilude, nos engana, nos faz rir e chorar,  
A vida depois se vai.  
É quando saberemos  
qual o destino da sua consciência:  
se se mantém íntegra  
ou se desfaz com o corpo morto.**

**Está em todo canto, o gentil bem-te-vi.  
É o pássaro mais famoso do Brasil.  
Esperto, destemido, não afeito à reclusão,  
vive livre e está sempre a cantar.  
No despertar do sol, seu sonoro canto  
avisa que a aurora chegou.  
Ontem eu te vi, Bem-te-vi, olhando pra mim.**

**O que dizer da luz  
no escuro em que estamos?  
Luz que a cada dia perdemos...  
Dizer dos seus sentidos, significados...  
Dizer o que da luz,  
quando muitos insistem ser a luz  
no escuro em que estamos?  
Vejo neste escuro em que estamos  
alguns apenas, poucos, crísticos vagalumes,  
iluminando caminhos, saciando sedes,  
matando fomes.**

**O Deus invisível que transita, calado, dentro dos meus átomos, moléculas e células: nadando, mergulhando, atravessando correntes sanguíneas e linfáticas; enquanto incontáveis obreiros seus labutam em ininterruptas jornadas: na minha traqueia, na fábrica de hormônios, de enzimas, proteínas etc; nos meus pulmões, nos meus neurônios, no pulsar do meu coração, e em tudo mais. Na minha mente é onde ele mais se demora, mas tem cadeira no meu respirar, onde faz deste quase nada que sou um quase tudo.**

**Pego-me contemplando a vida por uma fresta  
que fiz na minha imaginação.  
Surpreendo-me, pois fico como  
se equidistante, de óculos fosco,  
opaco, embaçado,  
tal qual um morto, de longe, assistindo  
às correrias, aos desesperos,  
às aflições, aos medos,  
aos sonhos e desejos, às perdas e frustrações,  
aos vínculos de amor e ódio,  
às alegrias e tristezas,  
dos efêmeros seres humanos.  
Vejo, por esta fresta  
tudo menor, ligeiro, passageiro,  
numa outra medida de significação.**

**Chuva que não passa...**  
**Do meu velho carro não saio enquanto a**  
**chuva que não passa, não parar.**  
**Inclino o banco, descanso, canso de pensar,**  
**e a chuva ainda não pensa em parar.**  
**Hoje posso esperar a chuva passar.**  
**Estou sem guarda-chuva,**  
**faz frio, não quero me molhar,**  
**receio adoecer e de COVID morrer.**  
**No muro uma ave, plumas molhadas,**  
**rolinha caldo-de-feijão.**  
**Chuva é água a viajar de volta pra casa,**  
**cheia de vida. Chuva não tem culpa, não.**



**Leio de novo a Bíblia.  
Nela só encontro eu.  
Um eu feito Deus.  
Nela só encontro Deus.  
Um Deus feito eu.**

**De nada além da vida espero,  
Pois sou a vida em mim.  
Sou ela em seu melhor esmero,  
Carne em respiro, sabida,  
Doce como sapoti,  
Azedo como limão,  
Que sabe que é fruto de árvore,  
Que tem começo, caminho e fim.  
Sou parte de uma essência  
Da qual nada sabemos,  
Nem do cheiro nem da cor.  
De resto, como indivíduo,  
nada além de mim sou.  
De nada além da vida espero,  
até das minhas crenças duvido.**

**A mistura de raças por aqui tem gerado  
feições bonitas, rostos lindos,  
alguns belos, é de se dizer;  
por outro lado tem resultado  
num mar de caras feias,  
delas, perfeitas caretas, a espantar, se não a  
Deus, mais das vezes ao Capeta.  
É constatação que faço  
e tenho como verdadeira,  
miscigenado que sou.  
Quão bom seria que os problemas  
do mundo estivessem nos nossos rostos, fei-  
ções e caras, e não nas nossas mentes!**

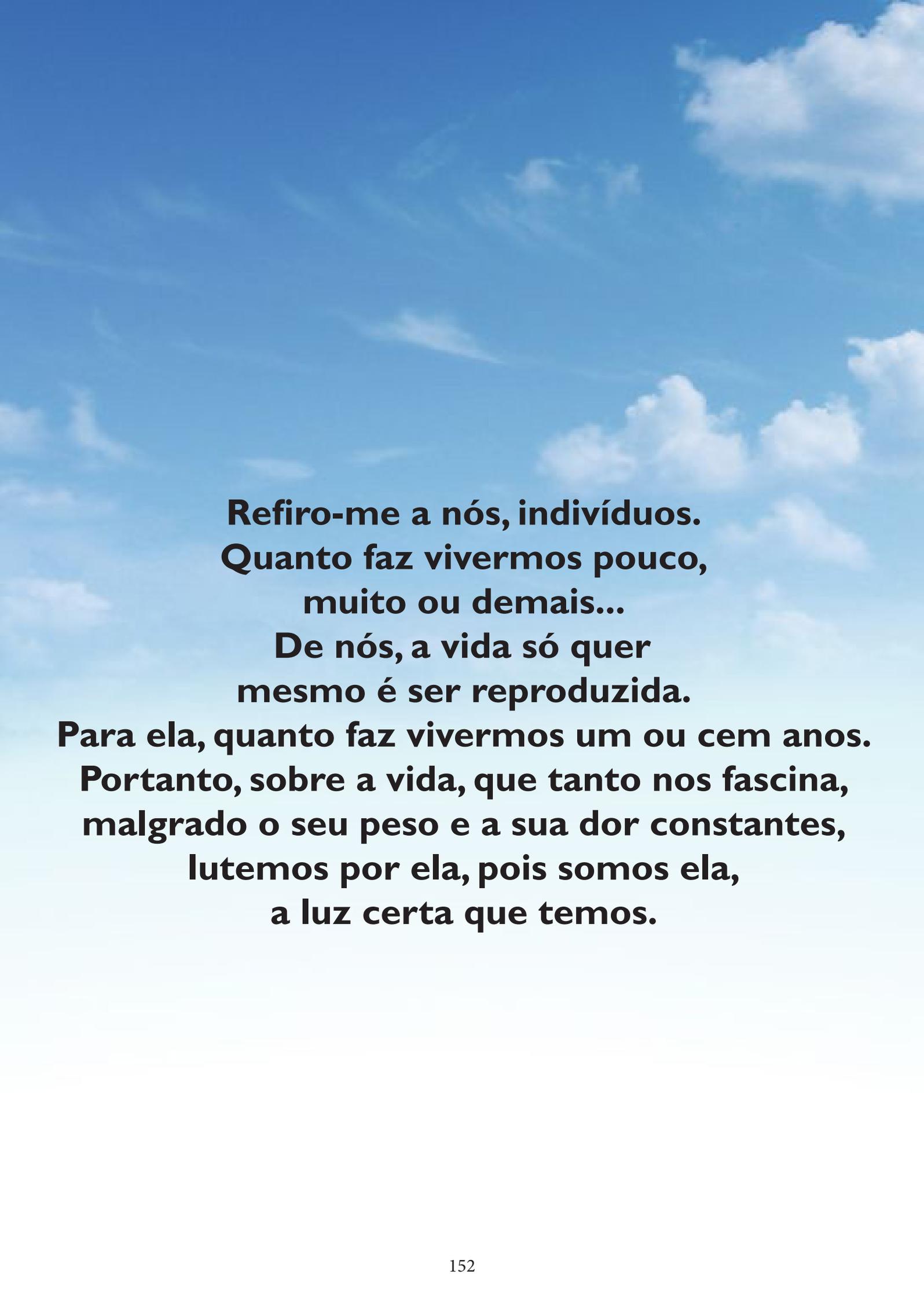
**Energia materializada, reprodutiva,  
é a vida, produzida pela insondável força,  
estar etéreo, sensível.**

**A vida tem um só comando, esteja ela  
num protozoário, num piolho, num tubarão, numa  
baleia, num elefante, num ser humano,  
em toda a vegetação.**

**Apenas se expressam diferentemente, na medida  
permitida pelos seus conjuntos atômicos,  
organizações biológicas,  
É única a vida, e coletiva a sua alma.**

**Ar parado,  
ou em movimento,  
que é vento.  
Luzes, sombras,  
todos os sentimentos,  
as cores que vemos,  
as mil dores e odores.  
Mar de abstratos,  
todos os astros...  
É Deus nos beijando,  
nos abraçando, acariciando:  
o jeito Dele estar em nós.**

**Nasci da clara Gilda e do negro Felinto.  
Seus ancestrais mourejaram nos eitos férteis  
das canavieiras Capela e Japaratuba.  
Tomei leite nas tetas da preta Lolô.  
Tenho trilhado sem desespero  
minhas circunstanciais estradas.  
Sou árvore já ficando velha,  
no sempre aguardo do lenhador,  
curtindo, em mim, mil pássaros,  
micos, insetos, répteis,  
a saltitarem, comerem, dormirem, amarem...  
Em parte, sou eles antes de mim.**



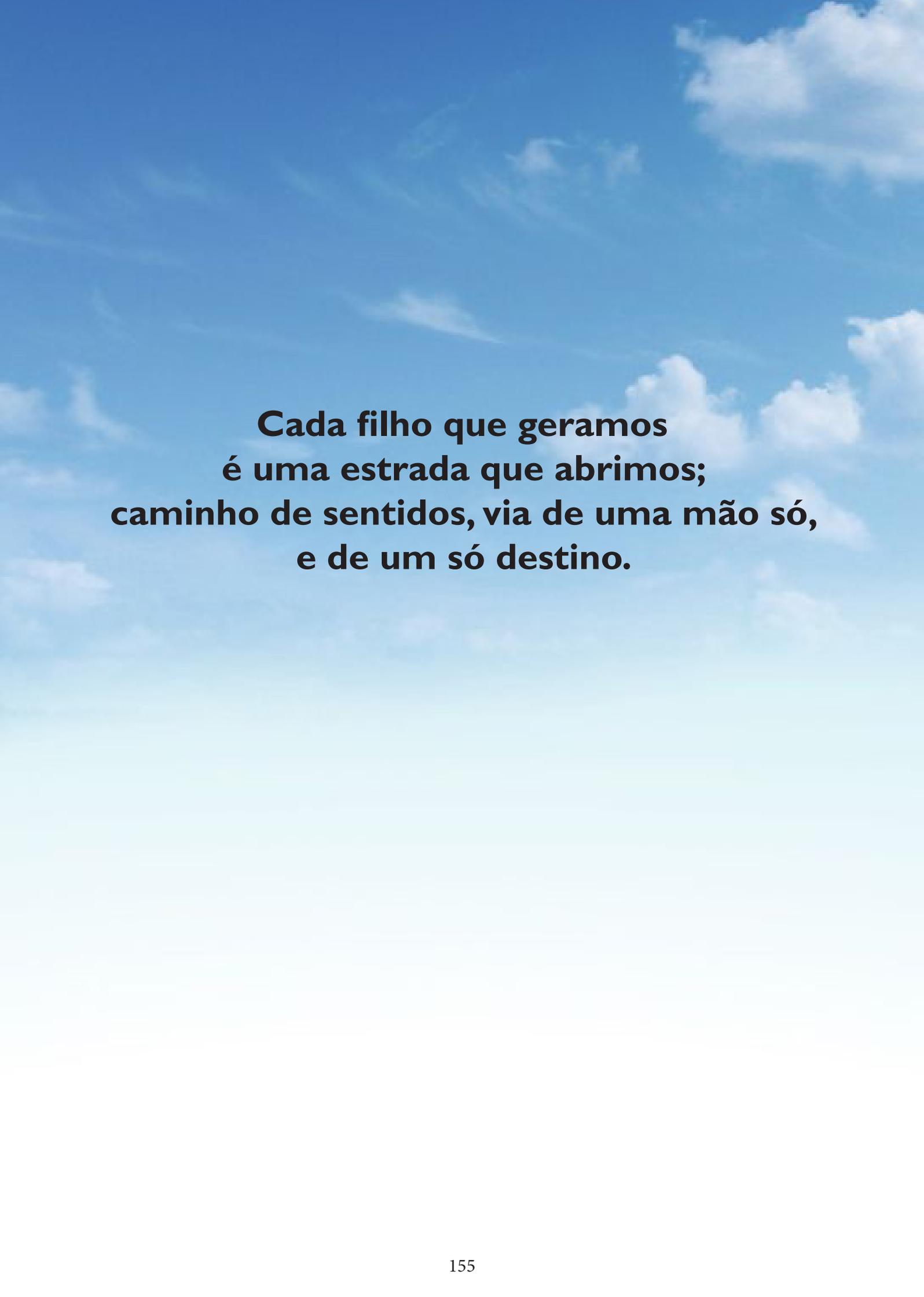
**Refiro-me a nós, indivíduos.  
Quanto faz vivermos pouco,  
muito ou demais...**

**De nós, a vida só quer  
mesmo é ser reproduzida.**

**Para ela, quanto faz vivermos um ou cem anos.  
Portanto, sobre a vida, que tanto nos fascina,  
malgrado o seu peso e a sua dor constantes,  
lutemos por ela, pois somos ela,  
a luz certa que temos.**

**Que mistério, que enigma,  
que privilégio, fazermos parte  
Do EXISTIR que sabe que EXISTE  
e que aspira saber por que existe;  
e mais, por que existe o EXISTIR  
ao invés de NÃO EXISTIR o EXISTIR.  
SAPIENS é sentimento, conhecimento, arte.**

**Cheguei ao tempo de pensar mais,  
de deixar as ilusões devagarinho irem embora,  
de me despojar, relativizar, contextualizar,  
para errar menos e compreender melhor.  
Entro no tempo de buscar novos caminhos,  
novo equilíbrio para meu novo tempo.  
As coisas insondáveis ocupam a minha mente.  
O mistério me fascina, me move,  
Deus me comove.**



**Cada filho que geramos  
é uma estrada que abrimos;  
caminho de sentidos, via de uma mão só,  
e de um só destino.**

**Àquele que se diz ATEU  
é de se perguntar se, a seu ver,  
no Universo existe  
algo ou alguém a superior a ele?  
Se a resposta for SIM, ateu ele não é.  
Se a resposta, no entanto, for NÃO,  
faça-lhe estas indagações:  
No seu entender, por que as coisas existem?  
Por que o Existir ao invés do Não Existir?  
Para estas não há respostas.  
Portanto, a rigor, ateu ninguém é,  
mas apenas um descrente  
das revelações ditas divinas,  
das doutrinas, das religiões.  
É apenas um agnóstico, como eu.**

**Não tem como vê-la, senti-la, a vida,  
sem dela, embora em vão,  
coisa dizer, bem ou mal;  
exclamá-la, indagá-la, lamentá-la, questioná-la.  
Somos a vida, a querida vida.  
Que organização és tu, vida!  
Serás a obra-prima das energias  
contrastantes, a cereja do bolo da Existência?**

**O futebol nos toma,  
absorve, contamina,  
o futebol nos domina.  
Ele nos diz como estaremos hoje,  
amanhã, e sempre.  
Ele nos faz grandes, nos faz pequenos,  
nos enriquece, nos empobrece.  
Somos escravos do futilbol, digo, futebol.  
Dos deuses que criamos,  
o futebol é o maior, o mais forte,  
o mais adorado.  
Se no Céu e no Inferno não tiver futebol,  
que lástima será a nova vida.**

**Quando o sono me toma,  
meu organismo se alegra, suspira contente,  
pois minha mente vai  
descansar do tanto pensar.**

**Porque é grande o mar de pensamentos  
que a todo instante chegam em turbilhão.**

**Pensar pesa, cansa, maltrata,  
às vezes salva, às vezes mata.**

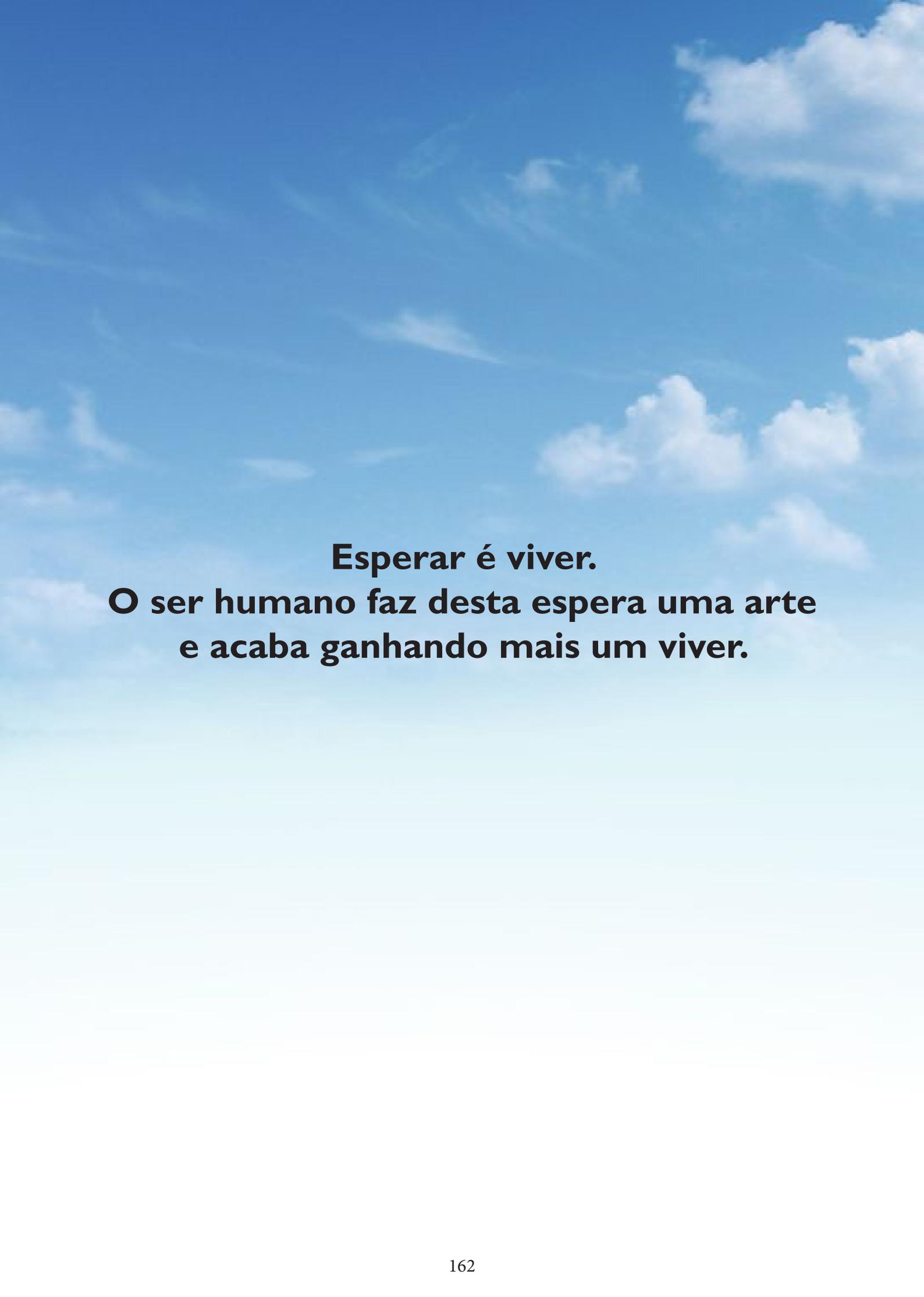
**Pensar é minha sina,  
sentença de quem questiona,  
de quem busca a libertadora verdade,  
a minha, ainda que não seja a sua.**



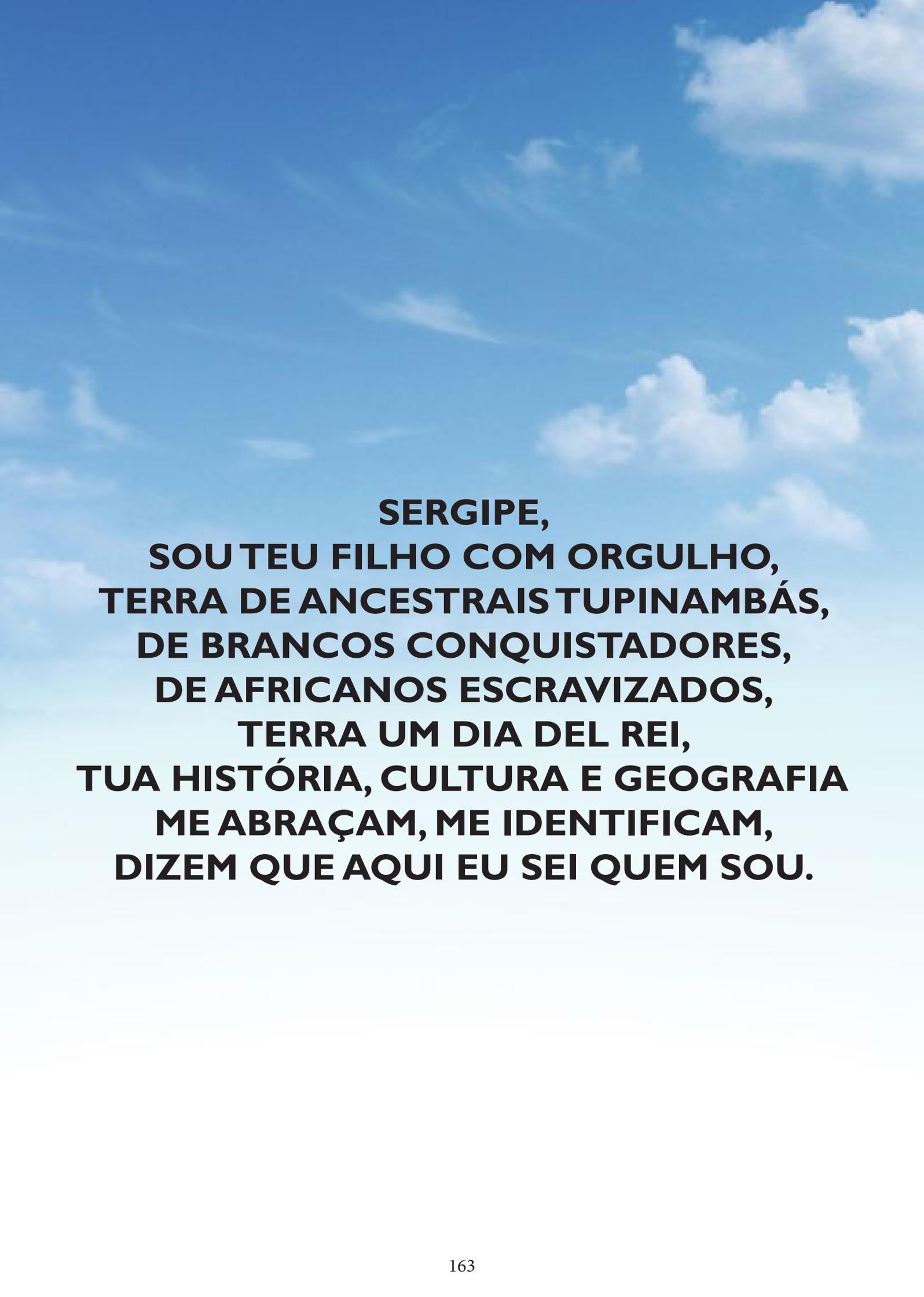
**O que dizer da VIDA  
senão que tem um VI e uma IDA.**



**Quem mora na beira do mar,  
tem o mar pra se acalmar,  
tem o mar pra se inspirar,  
tem o mar pra contemplar.**

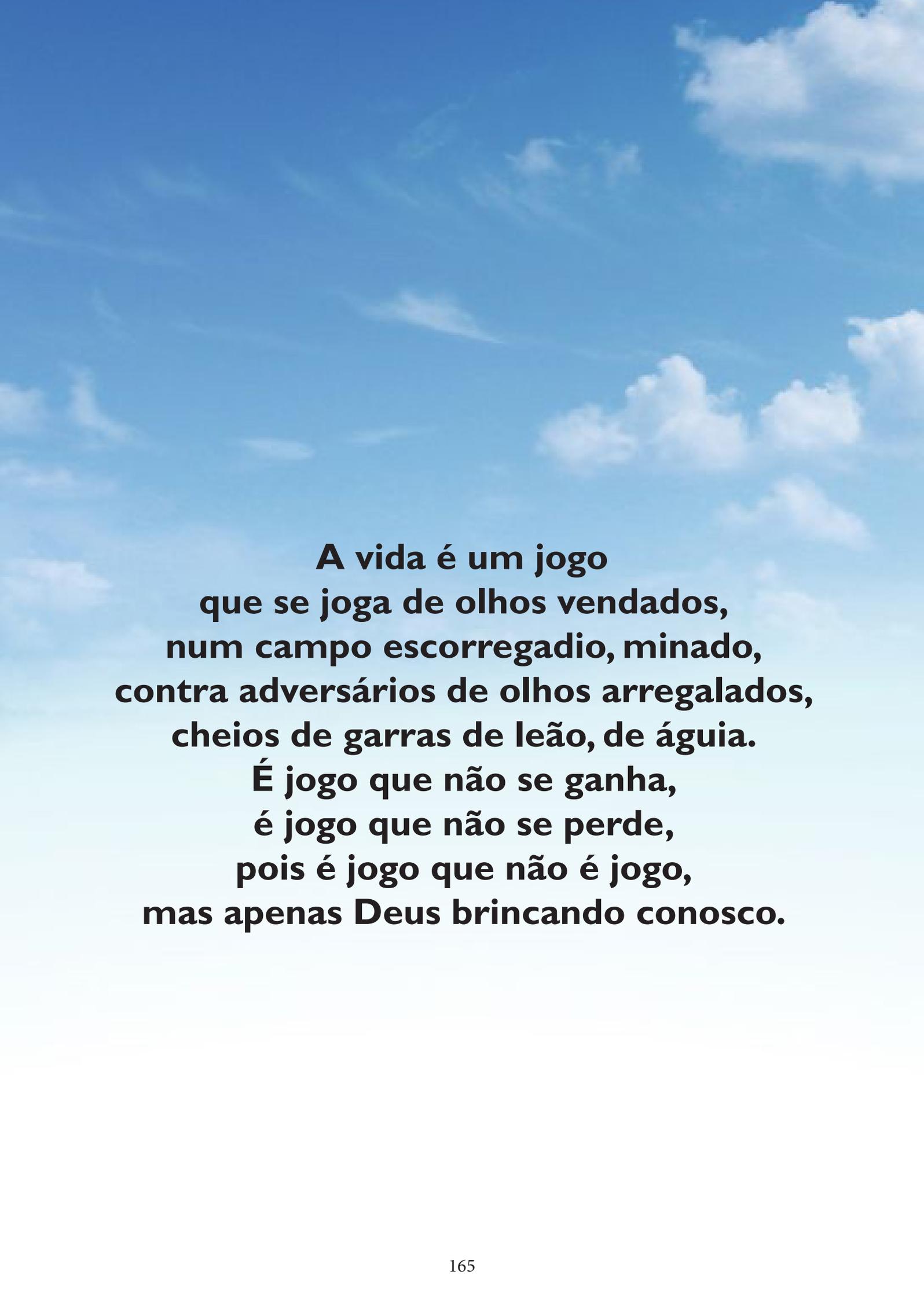


**Esperar é viver.  
O ser humano faz desta espera uma arte  
e acaba ganhando mais um viver.**

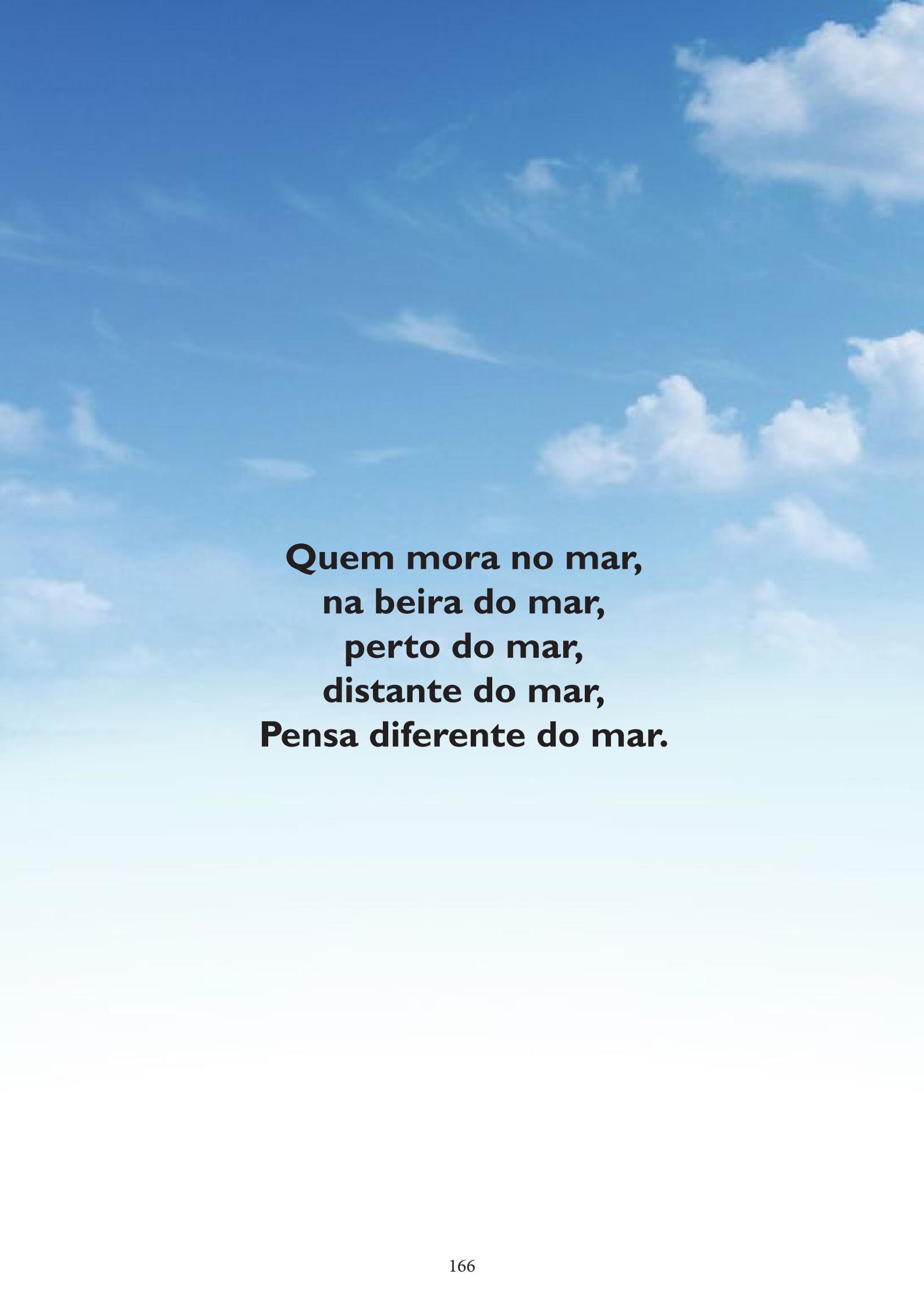


**SERGIPE,  
SOU TEU FILHO COM ORGULHO,  
TERRA DE ANCESTRAIS TUPINAMBÁS,  
DE BRANCOS CONQUISTADORES,  
DE AFRICANOS ESCRAVIZADOS,  
TERRA UM DIA DEL REI,  
TUA HISTÓRIA, CULTURA E GEOGRAFIA  
ME ABRAÇAM, ME IDENTIFICAM,  
DIZEM QUE AQUI EU SEI QUEM SOU.**

**Que privilégio esse meu,  
existir, e como ser humano,  
num tempo que  
melhor jamais existiu,  
inda mais sobre um chão sem tremores,  
sem ventos destruidores, sem vulcões,  
ante um clima sem mal-humor,  
de céu e sol sempre abertos.  
Mais do que privilegiado sou, por  
chegar até cheguei, com tino, íntegro,  
motivado, compreendendo, rindo,  
fugindo do mal e perseguindo o bem.  
Sempe à disposição de Deus.**



**A vida é um jogo  
que se joga de olhos vendados,  
num campo escorregadio, minado,  
contra adversários de olhos arregalados,  
cheios de garras de leão, de águia.  
É jogo que não se ganha,  
é jogo que não se perde,  
pois é jogo que não é jogo,  
mas apenas Deus brincando conosco.**



**Quem mora no mar,  
na beira do mar,  
perto do mar,  
distante do mar,  
Pensa diferente do mar.**

**Faço graça na palma dos pés  
das minhas ilusões.  
Elas não sorriem.  
Faço gracejos, conto piadas.  
Elas não sorriem.  
até as minhas ilusões perderam a graça.  
Inda bem que nunca me iludi  
com minhas ilusões.**

**Duas e oito da manhã.  
Madrugada que não dorme.  
Da janela do meu quarto,  
que dá para o céu,  
observo Júpiter, sozinho,  
na vastidão escura,  
sem nem a Lua como companhia  
ainda que equidistante.  
Não sei o que o gigante gasoso me diz.  
Agarro-me, desde menino, ao passado.  
No futuro mora o maior dos meus medos.  
O presente é este diuturno torcer pro coração  
não parar de pulsar e o sangue  
pelo corpo correr;  
é estar cercado por  
intranspugnáveis muralhas.  
Observo com pena meus livros, que moram  
comigo, arrumados, ordeiros, em forma,  
alguns espalhados,  
por cima da minha cama,  
sobre o móvel do computador,  
tanto conhecimento junto,  
só não sabem que,  
como eu, um dia desaparecerão,  
não lhes restarão  
página sobre página.**

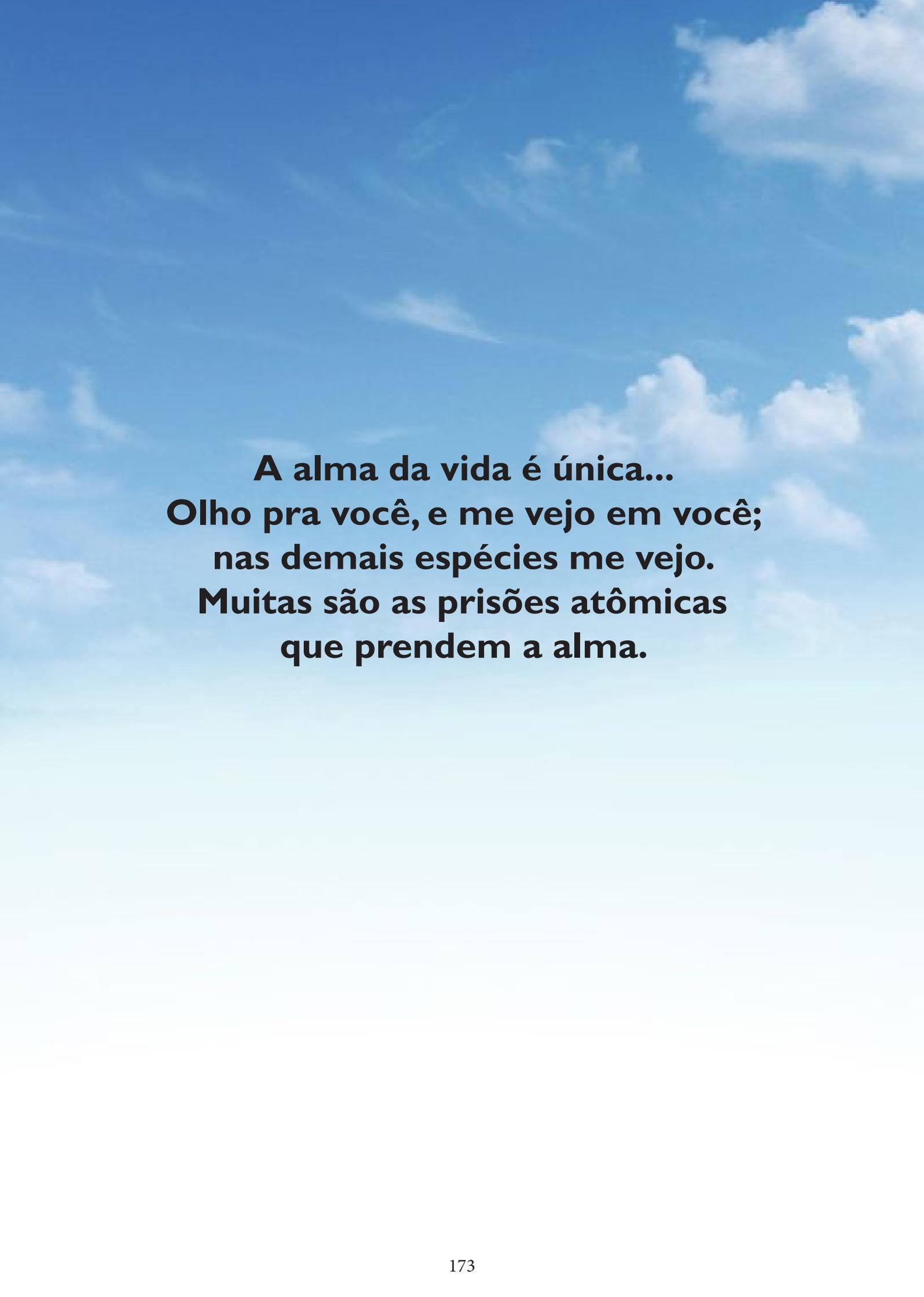
**O futuro é o  
instante que um dia inexoravelmente chegará,  
o termo final da vida,  
e sinto que no além dela não lembrarei,  
dela nada mais saberei.  
No passado está e  
estará a minha eternidade.**

**De pobres eu vim,  
entre pobres me criei,  
deles nunca me larguei.  
Sou pobre em mim,  
lugar que vejo  
brancos, negros, pardos,  
mulatos, cafuzos, amarelos,  
pelas ruas do bairro que nasci,  
entrelaçados, misturados,  
na luta, na labuta, nos tratos,  
nas conversações,  
riqueza inata, sem discriminação.**



**Chegaremos à velhice e  
não alcançaremos o futuro.  
Nos convenceremos daí  
que o futuro é um truque do presente  
para continuarmos presentes.  
O futuro, portanto,  
é o futuro do presente.**

**A vida, é o que temos,  
nem mais, nem menos.  
É caminho forçoso,  
trilha que se faz de olhos vendados,  
lenta, moderada ou disparadamente.  
O descaminho também é caminho.  
Seu chão é feito de pétalas e espinhos.  
É estrada curta, média, longa.  
Uns carregam cruz de pinho, de cortiça.  
Outros, de pau d'arco, de peroba.  
Alguns dizem que  
“Deus ajuda a quem cedo madruga”.  
E têm os que acham que  
“mais vale quem Deus ajuda do que a quem  
cedo madruga”.  
Viver é o nosso ser,  
do escuro ventre ao fim do poente.**



**A alma da vida é única...  
Olho pra você, e me vejo em você;  
nas demais espécies me vejo.  
Muitas são as prisões atômicas  
que prendem a alma.**

**Esqueçam a morte, ela é inevitável.  
Aliás, a vida também é inevitável.  
Vivamos, portanto, o dia, o presente,  
porque o passado é imutável  
e o futuro inalcançável.**

**Bebamos, portanto, intensamente,  
o cálice doce e amargo da existência,  
sem esquecer que sozinhos não somos nada,  
bem como, se queremos ser amados, amemos.  
Lembrar, em tempo, que Deus não é afetável  
nem manipulável.**

**Ele nos criou absolutamente  
providos dos necessários meios  
para subsistirmos.**

**Vida minguante, a de meu pai.  
Ouço seu corpo murmurando,  
Dizendo que está cansado,  
Que não demora, que já se esvai.  
Meu nonagenário pai.  
Vê-lo assim, velhinho,  
É como estar me assistindo amanhã.  
Porque sou ele e minha mãe que já se foi,  
Só que com outro corpo, outro rosto,  
Outros pensamentos, outros destinos.  
Sinto ver meu pai aos poucos se indo.  
São pesados os seus dias, calados, sem alegria.  
Esperar o seu derradeiro sono,  
O seu último chegar, é o que lhe resta.  
Deus tem o por quê.**

**Futebol: fútil, útil, inútil, futilbol.  
Há ciência na paciência.  
Minha irmã Marise: um mar de riso.  
Deus é o conjunto dos 'Eus'.  
O andar não se cansa, não sente dor.  
O dar e o andar pedem ar.  
Vida é caminho só de ida.  
O melhor das coxas está no x.  
Existe um mar e muito ar no amar.  
Há fé no café; e na descrença, a crença.  
O melhor sabor está em ti, sapoti.  
Trevas e trovão: tem o r de ruim e o v de vão.  
Na madrugada o som melhor se propaga.  
2059, Deus querendo, o ano de minha morte.  
Os intestinos são argutos,  
têm tino e seus próprios estatutos.  
A ave quero-quero é feita de vontade e desejo.  
A escada mais alta é a que nos leva a Deus.  
Viver é para experimentar  
e não para se perpetuar.  
O Sol não tem folga:  
está sempre a iluminar o mundo.  
Viver é prisão que não sentimos,  
é liberdade que não sabemos.  
Somos presas da Lei, da Moral, da Cultura, da**

**Religião, da Paixão.**  
**Sou bom por dentro e por fora,**  
**a depender da hora.**  
**Inda bem que Deus não se vai**  
**quando eu espirro.**  
**Viver, em última análise, é esperar morrer.**  
**Não avalie ninguém por você.**  
**O sexo raiz não tem dor de cabeça**  
**nem cansaço; ele só precisa ser feliz.**  
**Dormir é desfalecer sem morrer.**  
**O mundo gira em torno de**  
**um ejaculador e um receptor.**  
**Os dias mais longos são os das minhas perdas.**































































